



UNIVERSIDADE DA CORUÑA

Faculdade de Filologia

Mestrado em Literatura, Cultura e Diversidade

# **O subsistema da regueifa na cultura galega atual**

**Estrutura, institucións, agentes e repertórios antagonistas**

Naia Sánchez, Xian 46912774-L

Orientador: Isaac Lourido Hermida

2018/19

‘Las revoluciones no se hacen escribiendo poemas sino colectivizando los medios de producción’

U. de Luis, Leopoldo.

‘O sujeito da história é o campo’

Bourdieu, P.

Agradecimentos	5
Resumo	6
Introdução	7
1. Quadro metodológico e epistemologias para um estudo da oralidade	12
1.1. Aplicações e eficácias das teorias sistémicas	12
1.2. A oralidade e os estudos literários	14
1.3. Novos estudos e análises de práticas poéticas	16
1.4. Para umha auto-análise necessária	19
2. Subsistema da regueifa na Galiza	21
2.1. Conceito, adequação e localização	21
2.2. Descrição e análise do subsistema da regueifa	23
2.2.1. Instituições específicas e grupos atuantes no subsistema	23
2.2.2. Agentes, trajetórias e posições relativas	27
2.3. Disponibilidade e reinscrição	34
3. Regueifa, microcampos e antagonismo político	37
3.1. Regueifa anagonista	37

3.2. Para um estudo do antagonismo na regueifa. Dous casos práticos	38
3.2.1. Semente, escola de regueifa	38
3.2.2. Microcampo da Regueifa feminista	44
3.2.2.1. (Encontros de) Mulheres Repentistas da Galiza	45
3.2.2.2. Obradoiros de regueifa feminista	48
Conclusons provisórias e linhas futuras	52
Bibliografia	56
Anexos	61



## **Agradecimentos**

A escolha da realização de trabalhos colaborativos, em que diferentes pessoas estão implicadas e são necessárias, em diferentes graus, para a compilação de informação assim como para o melhor entendimento dos contextos, abordados de forma mais abrangente, requer inevitavelmente mais movimentos, uma maior rede de contatos, etc. Não parece ajudar o esquema dos tempos do capitalismo e a sociedade líquida que estamos a viver, mais ainda quando estamos perante a realização dum trabalho académico, com certa disponibilidade para a introspeção e com tendência ao auto-consumo.

Neste trabalho muitas conversações, muitos atos, muitos correios cruzados e muito tempo dedicado à compilação e combinação de dados foi necessário para o escrever. Quero agradecer especialmente à regueifeira Sara Marchena a sua colaboração emprestando materiais e oferecendo dados concretos, fundamentais para a melhor elaboração desta investigação. Também, da mesma forma, a Séchu Sende, que me tem fornecido de textos, desenhos e conversações diversas que facilitaram a elaboração do mesmo. Agradecer por último a Isaac Lourido por ter excedido a sua função como orientador e ter compreendido os tempos e as possibilidades vitais, por ter facilitado informação e abrir-me a novas leituras e vias de análise finalmente eficientes para a realização da minha proposta prévia.

## **Resumo**

Partindo da noção de *sistema literário* para abordarmos os estudos da literatura dumha visom mais alargada, isto é, como rede de relações e funções das consideradas atividades literárias num dado espaço social, tento identificar e analisar o funcionamento e redes criadas arredor do *subsistema da regueifa na Galiza*. Ocupo o trabalho em aplicar as teorias sistémicas para a definição e a análise de agentes, instituições, tensões internas e diversidade repertorial no citado subsistema. Também, atendo à relação estabelecida com o sistema literário galego, e dedico umha análise mais exhaustiva às propostas mais autónomas de ação social do antagonismo político ligadas à prática da regueifa, à função que a improvisação oral desenvolve nestes *microcampos ativistas*, à heterogeneidade característica dos sistemas emergentes e às possibilidades e eficácias em relação aos campos cultural, político e de poder.

**Palavras-chave:** regueifa, sistema literário galego, oralidade, antagonismo político

## **Introdução**

A literatura segue a contar ainda hoje com umha representatividade central na construção de ideias arredor da(s) identidade(s) coletiva(s), sendo especialmente produtiva na construção da identidade nacional. Na Galiza, a literatura tem um papel central quanto à conceção da língua ou na ordenação doutras manifestações culturais relegadas a ocupar posições menos centrais, mais periféricas. Contudo, a diversidade e transmedialidade dos produtos culturais, as mudanças nas práticas e possibilidades do artístico ou a introdução inovadora do pós-modernismo nos quadros teóricos, fazem com que sejam necessárias outras óticas para o estudo do literário.

Para a realização dumha investigação ativista (Lourido, 2014: 49-56) interessada em experiências do poético emergentes, fracas, latentes em espaços sociais com concorrência cultural e lutas pola hegemonia como na Galiza, na construção de contra-espacos ou na própria heterogeneidade dos campos é necessária a aplicação de vias de conhecimento e processos de investigação diversos para desenhar o esquema geral. Assim, para umha análise do funcionamento e redes criadas arredor da *regueifa*, a prática de improvisação oral em verso maioritária na Galiza, bem como para a identificação dos principais agentes e instituições, das trajetórias destes e dos repertórios utilizados e práticas mais autónomas, com menos reconhecimentos no campo cultural e mais capitais do político, é necessário um quadro sociológico mais abrangente.

Neste sentido, um dos objetivos deste trabalho é demonstrar a efetividade da análise das teorias sistémicas para o reconhecimento e identificação da heterogeneidade dos sistemas culturais (nomeadamente nos sistemas onde existe um conflito cultural pola existência de sistemas em concorrência num mesmo espaço social, já antes apontada), as funções, as

trajetórias e posições, os repertórios e modelos de ação propostos, os/as agentes, os grupos<sup>1</sup>, etc. Outro dos objetivos, sem perder de vista as possibilidades dum trabalho destas características, é desenhar o mapa do subsistema da regueifa na Galiza (e a nomenclatura aqui poderia ser convenientemente modificada para umha maior eficácia), conhecer o seu funcionamento e possibilidades, um trabalho ainda sem abordar que, do ponto de vista de que parte esta investigação, torna imprescindível para qualquer planificação social, para qualquer análise académica, para qualquer proposta efetiva em torno à utilização da regueifa. Por último, neste trabalho quer-se analisar com maior profundidade as propostas de ação social do antagonismo político ligadas aos repertórios e grupos dos denominados *microcampos* ativistas. O objetivo é tentar adaptar estas teorias às propostas com menos reconhecimento, carentes de vias de legitimação institucional e, intuo, com relativo desinteresse nele, contraposto a um interesse de construção da heterogeneidade e de proposta e introdução de novos repertórios nem sempre assimilados como literários.

Organizarei o trabalho em três grandes capítulos, que à sua vez subdividirei em diferentes secções focando a atenção nalguns pontos que encerram, do meu ponto de vista, maior interesse para os objetivos marcados nesta investigação. As metodologias aplicadas e os conteúdos desenvolvidos em cada capítulo som os seguintes:

No primeiro capítulo centrarei-me na explicação do quadro metodológico geral, com base nas teorias sistémicas<sup>2</sup>, nomeadamente na teoria dos polissistemas (a partir de agora, TPS)

---

<sup>1</sup> Se bem aqui o conceito de *grupo* é um bocado impreciso, é entendido como grupo *ideológico*, constituído e relacionado no seu agir a partir dumha ideologia e umha prática política específica e relativamente explícita e orgânica.

<sup>2</sup> Tötösy de Zepetnek (1992) inclui dentro das teorias sistémicas a Teoria dos Polissistemas, a Teoria do Campo, as teorias da Instituição Literária e a Ciência Empírica da Literatura.

desenhada por Itamar Even-Zohar (1990, 2005) e a teoria de campos de Pierre Bourdieu (2004, 2006). Com esta perspectiva a literatura é analisada para além do textual, atendendo a relações entre agentes e produtores, a instituições, a repertórios e modelos de ação social com os quais se relacionam, etc. Terei em conta os trabalhos realizados com anterioridade em que se tenham aplicado estas metodologias sistémicas para os estudos literários na Galiza, nomeadamente as contribuições de Antón Figuroa (2001), Xoán González-Millán (1994; 1995) ou o grupo Galabra da Universidade de Santiago de Compostela, com especial relevância as achegas do professor Elias Torres Feijó na adaptação da TPS para o caso galego (2004). Introduzirei algumas das carências (com base nas já esclarecidas por González-Millán (1994)) e possíveis análises complementadas com outras epistemologias para o estudo da regueifa.

Especificarei também alguns dos métodos e processos em relação à própria posta em marcha deste trabalho e tratarei de introduzir o “estado da questão” de alguns dos trabalhos, e as suas focagens, até hoje realizados arredor da improvisação oral em verso. Nesta seção, será de relevância o estudo de Arturo Casas sobre a consideração da oralidade dentro dos estudos literários (2012), as achegas de Domingo Blanco (1994, 2008) ao estudo da *literatura popular* (oral) na Galiza e outros sobre *oralidade* (Foley, 1998; Ong, 1987; Trapero 1996; Zumthor, 1990;) e etnografia das práticas de fala centradas na regueifa (Prego, 2012). Também algum trabalho referente aos conceitos, fundamentais para entender as práticas orais, de *performance* e a introdução de estudos de novas práticas literárias (Casas e Gräbner, 2008; Gräbner, 2008; Lourido, 2014). Tentarei abordar as distintas focagens de cada um dos trabalhos e esclarecer a intuição dum vazio de focagem sociológica.

Num segundo capítulo definirei o desenho do plano geral do que denomino *subsistema* da regueifa. Este será, em termos de volume, o que ocupe a maior parte da investigação. Aqui

tentarei desenvolver a minha proposta de adaptação das teorias sistémicas, dos fatores de produção e consumo, de autonomia e heteronomia, de centros e periferias, etc. O objetivo central é proporcionar um esquema ‘macro’, relativamente exaustivo, a partir do qual conhecer as redes de relação atuantes neste *subsistema* (Torres Feijó, 2004). Também, aplicar o conceito de *ferramenta ativa* (Even-Zohar, 2015) para a regueifa apoiando-me em trabalhos, agora sim, com focagens de tipo sociológico e sistémico, desenvolvidos noutros espaços que podem servir de modelo sem esquecer a estrutura e funcionamento diferentes de cada um dos sistemas em que atuam. Estou a falar de trabalhos sobre glossa(dors) nos Países Cataláns, sobre o desafio em Portugal e no Brasil, ou com maior atenção sobre bertolarismo, a improvisação oral em verso basca, com a que quase todos os grupos e agentes vinculados à regueifa têm na atualidade ou tiveram no passado algum tipo de relação e da qual se colocam maiores paralelismos na construção atual de práticas no subsistema. Os conceitos de *disponibilidade* (Even-Zohar, 2005) e *reinscrição*<sup>3</sup> serão também abordados com relativa centralidade nesta seção.

O terceiro capítulo centrará-se no *microcampo* (Lourido, 2015) da regueifa antagonista, nomeadamente e de maneira mais abrangente nas relações entre poesia, regueifa e movimentos sociais e antagonismo político. Em termos conceituais, dedicarei espaço à consideração e aplicação do conceito de *contra-espço público* (González-Millán, 2000), a partir do qual situarei estas propostas que reconheço em espaços sociais com alto grau de conflituosidade, de escassa ou nula institucionalização e muito heterogéneos.

---

<sup>3</sup> Entendida aqui num sentido similar ao proposto por Edward Said (2004) em contextos pós-coloniais, que funcione como elemento de apropriação de repertórios e discursos disponíveis por parte das camadas subalternas.

Pretendo abrir o estudo literário a práticas poéticas e produtos nom reconhecidos como literatura, a agentes que se apresentam como ativistas e nom como autores/as e aos critérios de reconhecimento ativados nestes casos. O que se procura nestes âmbitos que analiso é construir outras formas de gestom e produçom poéticas, que confrontem com o discurso económico e cultural hegemónico. Definirei algumas das caraterísticas que ao meu ver podem ainda ter um grande potencial dentro da Escola Semente de Compostela, à sua rede de obradoiros, aulas e atos públicos em que se articula o discurso através da improvisaçom oral. Darei logo um papel central à regueifa feminista, centrando-me principalmente em dous casos que querem ser exemplo do conceito. Primeiro, a Assembleia de Mulheres Repentistas da Galiza (constituída em 2015) como evidência da organizaçom da regueifa em chave feminista. Depois, a partir da organizaçom de “obradoiros de regueifa feminista”, com interesse maior nos obradoiros de mulheres, nom mistos, e impartidos em espaços autogestionados, colocaremos algumas das práticas neles materializadas.

Por último, recolherei as que serám algumas das conclusons provisórias, por ser esta umha investigaçom em andamento, umha análise em tempo presente, que pretende dar forma, facilitar o entendimento de redes de relaçons, estruturar as funçons e sistematizar, em definitiva, certas práticas, repertórios e modelos de açom social vinculados a eles assim como visibilizar agentes em relaçom ao subsistema da regueifa e a alguns dos seus microcampos. Gostaria também que este trabalho ajudasse a estender o conceito do poético, a complexizar e abrir o que hoje se entende como poesia e a priorizar a *poeticidade*, as *marcas* poéticas, presentes em diversas manifestaçons humanas, mais flexíveis e mais produtivas para a produçom cultural situada no contexto da pós-modernidade.

## **1. Quadro metodológico e epistemologias para um estudo da oralidade**

### **1.1. Aplicações e eficácias das teorias sistémicas**

Tal como avancei na introdução, o quadro metodológico desta investigação insere-se nas definidas por Tötösy de Zepetnek (1992) como “teorias sistémicas”. Especial importância têm neste trabalho a TPS e a teoria do campo. No primeiro caso, trata-se dumha teoria inicial e essencialmente semiótica que nos anos posteriores deriva para os ‘estudos da cultura’, no segundo, umha teoria especificamente sociológica pensada para o estudo e análise de práticas sociais, com grande influência do estruturalismo e a teoria marxista, que Bourdieu (2004) aplicou, para além de a todos os seus posteriores estudos nom apenas do cultural, a um espaço e tempo muito concretos do campo cultural francês, nomeadamente o campo literário francês das últimas décadas do século XIX. Contudo, esta teoria do campo literário nom foi pensada para casos de literaturas em espaços sociais com processos de emergência, senom antes bem para a sua aplicação em espaços com campos culturais e/ou literários consolidados e relativamente autónomos, também no campo político, amparados por um modelo de Estado-nação. Neste sentido som fundamentais as contribuições do professor Figueroa (2001) para as possíveis aplicações ao caso galego. No caso da TPS, com a produção intelectual arredor da sua principal figura teórica, o professor da Universidade de Tel Aviv Itamar Even-Zohar, resulta produtiva a sua aplicação para esta perspectiva nom textualista da poesia, mas também é essencial o contributo de González-Millán (1994; 1995; 2001) quanto à crítica da aplicação da TPS que, de forma análoga ao referido por Figueroa sobre a teoria do campo, tem um complexo encaixe em muitas das experiências e discursos literários marcados pola subalternidade.

É especialmente útil a aplicação que ele propom do conceito de *instituição literária* (González-Millán 1994) para os processos de institucionalização da literatura galega (como literatura nacional) e, para o que aqui atinge, da introdução de outros dois conceitos. Por um lado o de *experiência* (González-Millán 2000; pp. 36-47), sempre com a teoria de E. P. Thompson (1966) aplicada ao movimento obreiro inglês e às suas mobilizações dos anos 70 como fundo, assim como os seus estudos de campo arredor destes processos levados a cabo em tempo presente. Por outra parte, o de *contra-espacio público* (2000; pp. 66-73), para a sua aplicação ao estudo das práticas literárias com menor reconhecimento, mais conflituosas, com um enquadramento mais complexo no campo literário e que reúnem diferentes capitais do campo político. Estes últimos resultam altamente interessantes para o estudo de microcampos sociais que som abordados nesta investigação.

Em relação à TPS tem também umha especial relevância, no mínimo de maneira conceitual e focagem analítica, a chegada de Torres Feijó (2004) para complexizar a teoria e o conceito de *sistema*. Assim, neste trabalho é central a aplicação do conceito de *subsistema*, que será explicado nos apartados posteriores, mas também só se pode compreender em relação ao próprio conceito alargado de sistema, ao conceito contraposto de protosistema (ou tendências protosistémicas), entendidas como "práticas tendentes à configuração dum novo sistema segregado do sistema a que se está vinculado" e ainda, como aponta o mesmo professor, ao conceito de *parasistema*, entendendo-o como as "redes culturais, com vínculos de compartição exclusiva entre os seus membros, que atuam e se desenvolvem num espaço

social ocupado por um sistema a que nom pretende substituir nem impugnar mas com o qual nom se vincula de modo nengum, do qual nom fai parte” (Torres Feijó, 2004, p 429)<sup>4</sup>.

## 1.2. A oralidade e os estudos literários

A oralidade tem ocupado historicamente um espaço marginal, subsidiário da escrita, nos estudos literários. No entanto, há estudos que renovam e reconceitualizam a ideia de *oralidade* e o próprio campo de estudos em que se inscrevem as literaturas orais. Arturo Casas (2012) aposta numha nova conceitualizaçom e um quadro mais abrangente e menos restritivo a respeito do campo científico para organizar umha *cartografia* da oralidade. Um texto com grande amplitude bibliográfica que dialoga com outros trabalhos e projetos do investigador em relaçom à sua teoria sobre a *poesia nom lírica*. Se bem este trabalho chega até as investigaçons mais atuais e mais alargadas na sua forma de entenderem o poético e o performativo<sup>5</sup>, centrarei-me agora apenas nalguns trechos do apontado. Casas interessa-se em destacar e apontar para umha caracterizaçom da oralidade nom como análoga à *literalidade*, senom sendo duas materializaçons em contato, e apoia-se para isto na própria ideia e definiçom de performance do teórico Paul Zumthor, em que as duas açons coincidem ao tempo. Também, está presente a ideia de quebrar com umha conceçom da oralidade como *nom-gráfica*, como sendo a escritura o objetivo-meta, e apontar para outras marcas discursivas que conformam a própria oralidade sem serem necessários referentes de

---

<sup>4</sup> A ideia base deste conceito, contudo, afasta-se ainda mais da perspectiva de estudo aqui adotada, pois como explica Torres Feijó neste artigo, para a sua materializaçom pensou-se em casos de actividades de grupos emigrantes e comunidades ciganas.

<sup>5</sup> Estes estudos da performance e outras possíveis hibridaçons na produçom cultural serám atendidos no apartado seguinte em relaçom a outros trabalhos com os quais se estabelecem relaçons epistemológicas e de objeto de estudo.

oposição. Neste sentido já tem indicado Ong (1987) que a característica da oralidade, da palavra dita, é o facto de constituir a ação para ser lembrada. Por último e por apontar umas últimas ideias que me interessa destacar do artigo de Casas (2012; pp. 63-64), a importância do espaço no ato performativo da oralidade é central, a colocação dum espaço de comunicação, dum público que se estabelece diverso e participativo, e dumha autoria, por vezes e como veremos, discutida e coletiva.

No caso concreto de estudos sobre a regueifa, para além de alguns dos especialistas internacionais da oralidade como o já mencionado Maximiano Trapero, são escassíssimas as investigações feitas na Galiza, entre as quais destacam os estudos de Blanco (1994, 2008). Estes estudos, fundamentais para um apegamento etnográfico, antropológico, não parecem proporcionar demasiadas vias de investigação para a análise de base sociológica. Contudo, Blanco aponta nalguns dos seus trabalhos, ainda que de forma muito breve e nunca central, algumas das funções que tem a oralidade, ou como ele a denomina, a *literatura popular* ou *literatura oral*. Interessa-me destacar a função assinalada como ferramenta de coesão social das camadas populares, como afirmação e como contraposição, a partir também dumha evidente exaltação de traços (culturais, políticos, linguísticos...) próprios<sup>6</sup> e comuns à tal comunidade.

Por apontar outra via de investigação diferente às expostas, encontramos a investigação realizada pela professora Gabriela Prego (2012), que tem como base a sociolinguística interacional e que inclui a regueifa como objeto central de estudo.. Uma proposta para analisar a negociação, gestão, de identidades *étnicas* em espaços de mudança social do mais

---

<sup>6</sup> No sentido de estar marcados pela *autenticidade*, em contraposição ao *anonimato* que Woolard (2008) explicava na sua teoria arredor das ideologias linguísticas.

local, de confronto entre o rural e o urbano, até o mais global, num contexto de instauração da pós-modernidade.

É fundamental na realização deste trabalho, com o seu foco de análise na regueifa, fazer referência a dois livros recentemente publicados. Por um lado o livro do investigador Ramón Pinheiro, *Repente Galego* (2016). Este é o primeiro estudo centrado na investigação macro da improvisação oral na Galiza (nomeadamente na regueifa). Para além de desenhar uma proposta de protagonistas, antecedentes e instituições principais, o livro apresenta um interesse central para esta investigação pela sua consideração da *performance*, e a relação que estabelece entre a regueifa e alguns aspetos do rap e o *freestyle*. Deteremo-nos mais nalguns destes aspetos nos seguintes capítulos, com relativo interesse também no prólogo da obra. O segundo livro em que cumpre reparar é o monográfico *Regueifa en Bergantiños. Celestrino de Leduzo vs. Calviño de Tallo* (Rodríguez, 2017), um livro da regueifeira Alba María publicado baixo a marca editorial aCentral Folque. Nele, a autora investiga arredor da regueifa da comarca de Bergantinhos, berce e protagonista na conservação do repentismo na Galiza. Centra sobretudo o seu estudo nas figuras de Blanco de Muiñoseco (Coristanco) e o dos seus discípulos Calviño de Tallo (Ponteceso) e Celestrino de Leduzo (Malpica de Bergantiños), assim como na própria estrutura musical e rítmica da regueifa.

Por apontarmos um último livro centrado na regueifa como ferramenta para implementar no campo educativo destaca a *Metodoloxía didáctica do repente galego* (2017), escrito por Marina Porto e Kike Estévez e publicado pola Deputación de Ponte Vedra.

### **1.3. Novos estudos e análises de práticas poéticas**

Na última década, alguns agentes investigadores ligados às universidades galegas têm-se interessado por práticas poéticas emergentes e especialmente nas denominadas como

*performance*. Se bem nas décadas de 60-70, se pensamos nos circuitos de arte europeus e norte-americanos, e a partir da década de 80 e com relativa centralidade como forma de distribuição e de consumo, no circuito literário galego (ou circuito literário na Galiza), as *performance* em forma basicamente de recitais poéticos eram muito frequentes, som poucas as atenções da crítica literária e ainda contudo hoje parece difícil nom reparar nalgumas destas experiências. A evidência é maior se do que se trata é de analisar a regueifa, que entra de cheio no significado de *performance* que já Zumthor antecipou no seu *Introducción a la poesía oral* (1990), definindo-a como texto poético recitado (e nalguns casos improvisado) e percebido a um tempo.

É interessante ainda atendermos a outros conceitos que están a funcionar para definir espaços, experiências, realidades, com características semelhantes à da *performance* poética como som os de *spoken word poetry*, *slam poetry*<sup>7</sup> ou, e sobretudo no plano mais académico, a denominada por Enzo Minarelli (1987) como *polipoesía*. De forma muito breve, acho que estas propostas podem ser caracterizadas, em relação à forma de improvisação oral tradicional na Galiza, como poéticas mais urbanas, mais globalizadas e possivelmente com menos potencialidade para a construção do espaço *glocal*<sup>8</sup>, devido se calhar a um acesso mais dificultoso de apropriação polos campos de produção cultural mais precários e autóctones.

---

<sup>7</sup> Seria interessante analisar os modelos e repertórios produzidos nas slams e spoken word das cidades galegas (sempre em contato com outras cidades do Estado) e o espaço de possíveis no campo cultural galego.

<sup>8</sup> Fago referência aqui às novas realidades que surgem do relacionamento de processos a caminho entre o local (tentativas de proteção e/ou práticas de resistência cultural) e o global (com os interesses da cultura da globalização).

Nos trabalhos arredor da performance poética, Gräbner (2008) vai para além da classificação conceitual e do estudo imprescindível das cenas concretas, apontando alguma característica de interesse para pensarmos os circuitos (sistemas, campos, etc.) construídos nalguns espaços da América do Sul, e que intuo podemos aplicar ao subsistema da regueifa. Coloco dous aspectos fundamentais: a) que a linguagem poética tradicional resultou inadequada para a representação e a realização dalgumas experiências em contextos urbanos multiculturais (e pensando na Galiza, em contextos de *transição*: rural-urbano, de modos produção, etc.); b) que a introdução da poesia performativa nos “circuitos literários” tradicionais ameaça com afastar algumas das suas performances mais controversas e demandas mais radicais. Isto último fai pensar na efetividade da presença e atividade de agentes em diferentes campos de ação, cultural e político, e no grau de heteronomia do campo literário a respeito doutros mais autónomos como os dos movimentos sociais.

Noutros aspectos de carácter epistemológico tem centrado Lourido (2014, pp 60-65) algumas ideias para pensarmos novos espaços da poesia, partindo da ideia de ser o livro ainda o objeto que funciona como “mecanismo de legitimação e consagração quase exclusivo” para ser poeta, isto é ser reconhecido como tal, e com vontade bem de substituir ou diversificar esta via de legitimação bem de focar noutras possibilidades. Assim do meu ponto de vista algumas das suas propostas para entendermos as novas formas de poesia adaptam-se também ao aqui exposto para o caso da regueifa.

Interessa-me destacar duas chaves fundamentais. A primeira, entender a poesia como “condição potencialmente inscrita nos comportamentos e acontecimentos humanos, com novas formas de participação afastadas das tradicionais de leitura e consumo” (Lourido, 2014; p. 61). Neste sentido Lourido incide em alargar a olhada poética para propostas artísticas híbridas, para propostas cénicas, audiovisuais, etc. *poetizáveis*. A segunda, e

seguindo a ideia de existir certa “poeticidade dos movimentos sociais” de que fala Méndez Rubio (2004, p. 113), assentaria em olhar, pensar, na *poesia de ação política*. Assim, falaríamos por exemplo de projetos contestatários indiferentes a critérios de valor do campo das artes, mais interessados na utilização do poético como forma de intervenção coletiva e contra-discursiva. Os microcampos mais ideologizados, menos institucionalizados (ainda) e mais periféricos, que nalguma medida utilizam o poético como repertório de encenação do político, parecem ajustar-se a estas poéticas de ação, das quais nem podemos, nem devemos, desatender os repertórios de que partem e as suas efetividades tácticas.

#### **1.4. Para uma auto-análise necessária**

Para completar o quadro metodológico que será aplicado neste trabalho, acho fundamental elaborar uma auto-análise que defina a minha posição a respeito do objeto de estudo de forma nem objetiva, mas sobretudo honesta. Devo destacar fundamentalmente dois fatores, duas tendências epistemológicas que se bem nem definem, sim explicam algumas das minhas tomadas de posição e linhas de interesse investigador exploradas neste trabalho.

Por uma banda, e principalmente, o meu papel e interesse como investigador a respeito da regueifa como prática cultural. Neste caso tenho avançado conhecimentos arredor do objeto de estudo nalgum trabalho de tipo académico (Naia, 2018a), nomeadamente em relação à introdução da matéria de ‘Regueifa e Improvisação Oral em Verso’ (de aqui em diante, RIOV) no instituto IES Marco de Camballón de Vila de Cruzes. Por outra parte, acho interessante destacar a minha vontade de colocar no foco alguns dos aspetos, alguns dos grupos, alguns dos repertórios, habitus e práticas nem necessariamente hegemónicos ou reconhecidos, mas que introduzo para uma proposta de renovação de estudo e, nalguma medida, para a minha tomada de posição no campo com uma vontade acrescentada de

legitimação. Neste sentido tenho adiantado também algumas das chaves deste trabalho em artigos publicados no periódico de informação crítica *Novas da Galiza* (Naia, 2017 e 2018b). A segunda das linhas definitórias que acho é necessário ressaltar é a minha relação com produtores e agentes que destaco como centrais do subsistema da regueifa. Isto tem-me facilitado assistir e até participar de experiências e projetos concretos, de obradoiros dirigidos bem a adultos bem a crianças, da criação (e em parte, planificação) de grupos no sentido mais ideológico, da planificação de espetáculos, de relações pontuais com a instituição pública, etc.

É fundamental reconhecer a minha implicação em projetos diversos envolvidos na rede de relações que aqui defino como subsistema da regueifa, para além das relações com os próprios agentes e projetos de ação social com os quais se estabelece alguma vinculação nem necessariamente orgânica (os centros sociais em que foram impartidos alguns dos obradoiros, a rede de Escolas Semente, etc.).

A minha tentativa é analisar, à vez que participar e acompanhar ativamente, a *experiência* da comunidade envolvida no subsistema. Isto é o que num sentido bourdiano chamaríamos o *objetivador participante*. A análise da minha própria participação, ou por dizer doutra forma, da relação que adopto no espaço social em que se desenvolvem a investigação e o próprio objeto de estudo, ajuda a compreender as tomadas de posição do investigador e entendo-o como um exercício de honestidade científica.

## 2. Subsistema da regueifa na Galiza

### 2.1. Conceito, adequação e localização

Se bem a regueifa nom ocupa hoje um lugar central no campo cultural e literário galego, nom parece tam simples reconhecer qual é logo o lugar que ocupa, quais som as centralidades, as periferias ou os capitais com valor de troca. Nom estou apenas a pensar no campo cultural ou literário, a pergunta é, também, se a regueifa funciona ou é entendida na Galiza como poesia, se é entendida como umha prática que fai parte fundamentalmente do musical, se como mais um registo folclorizado da *cultura popular*, etc.

Para estruturarmos algumas das hipotéticas funções da regueifa entendida como prática poética, tal como é organizada e analisada neste trabalho, devemos conhecer qual a definição de poesia que funciona no sistema literário galego. Isto é, conhecermos quais os repertórios legitimados, quais as vias de legitimação em relação a agentes e programas de ação social. Também, e ainda sendo umha questão sempre relativa, identificar qual o grau de autonomia a respeito dos campos cultural e político.

É a partir de aí que podemos perguntar-nos polas (possibilidades de) escolhas que desenvolvem os agentes do subsistema da regueifa na Galiza a respeito de escolhas linguísticas, de repertórios e modelos de ação sociais para assim analisar as suas tomadas de posição no sistema. Também, por quais *grupos* e instituições desenvolvem alguma influência no subsistema e se estes mantemhem alguma relação com o sistema literário galego, bem como se essas relações e acumulação de capitais pode ser transferida para um maior reconhecimento no subsistema da regueifa.

É necessário para o melhor entendimento do subsistema conhecer a existência de diferentes projetos vinculados à prática da regueifa, ou por dizer doutra forma, dos diferentes *espaços*

que desenvolvem o seu *modo de fazer* através, entre outras práticas e repertórios, da improvisação oral. Isto significa reconhecer a existência de conflitos internos, habituais nos processos de legitimação e reconhecimento de (sub)sistemas e de literaturas emergentes.

Utilizarei o conceito *subsistema da regueifa na Galiza* para referir-me ao espaço de relações e redes de agentes e instituições que desenvolvem práticas e repertórios específicos mas que é relativamente subsidiário do sistema literário galego, sem pretender impugnar o seu espaço com o qual mesmo contribui para a sua consolidação e diversificação repertorial. Recolho este conceito, formulado pelo professor Torres Feijó (2004; pp. 427-431), a partir das suas contribuições e reflexões da aplicação da TPS aplicada ao caso galego. O conceito foi pensado pelo autor para o desenho e abordagem dum *sistema literário ibérico* que combinasse diferentes propostas *proto-sistémicas* e *sub-sistémicas*. Ainda conhecendo a distância conceitual da aplicação original destes conceitos e a heterodoxa adaptação aqui sugerida, acho pode ajudar à compreensão, de forma efetiva, do fenómeno da regueifa e da sua relação e função no sistema literário galego de que faz parte.

Do meu ponto de vista, a condição de *emergência* do sistema literário galego influi de maneira central no campo de possíveis do subsistema da regueifa. Também, a partilha do espaço social em que esse sistema desenvolve as suas atividades, junto com um outro sistema literário consolidado como é o espanhol, faz com que a configuração das *tendências subsistémicas* seja ainda mais conflituosa. Nesse sentido cumpre apontar que a escolha linguística funciona como baliza (e veremos como não é a única) para a configuração de *normas repertoriais*, assim como no caso do sistema literário galego, em *oposição* a outros, também ao espanhol, essa escolha linguística constitui "a norma sistémica consensuada pelos agentes implicados, isto é, a norma que define a pertença ao sistema ou a sua exclusão (Torres Feijó, 2004: 429 e ss.)". A escolha linguística do galego como língua para a regueifa

nom é portanto umha escolha individual mas umha *regra repertorial* que se constitui no subsistema como resultado da luta dos agentes implicados e que é aceite para a participação e constituição do mesmo<sup>9</sup>.

A aplicação do conceito *subsistema*, nom apenas como denotativo mas como quadro de análise, permite desenvolver umha ideia alargada do que a regueifa está a significar no campo cultural galego, centrando a análise em trajetórias, instituições e repertórios.

## **2.2. Descrição e análise do subsistema da regueifa**

### **2.2.1. Instituições específicas e grupos atuantes no subsistema**

Para encetar umha análise do funcionamento do subsistema da regueifa na Galiza é relevante fazer referência às *instituições* (Even Zohar, 1990), às suas relações com os campos de poder político e económico e aos agentes que agrupam e organizam nas suas redes. Assim, conhecer os nodos e relevâncias de cada umha delas, as posições que ocupam, funções que desenvolvem e onde se colocam a respeito da construção de *centros e periferias*.

A associação ORAL de Galicia ocupa a centralidade do subsistema da regueifa, envolvendo a maior parte dos agentes e com nodos de maior relevância, para além de manter relações relativamente intensas com instituições de poder político e do campo cultural. A ORAL de Galicia funda-se em 17 de maio de 1997, em Vigo, e tal como recolhem na sua web os objetivos som os seguintes:

---

<sup>9</sup> Diferente é a utilização retórica apontada por Pinheiro (2017, pp. 172-174) dos dous idiomas reconhecidos no espaço social que ocupa o subsistema da regueifa, por exemplo, no caso dos Generais do Ulha. É depois, do meu ponto de vista, mal-interpretada, ao nom ter em conta as diferentes funções e violências simbólicas que cumprem as línguas como objetos sociais nos diferentes espaços, quando analisa a introdução do castelhano nos desafios entre regueifeiros com “prácticas máis profesionalizadas, en que é observada como un elemento de dificultade engadido”.

“realizar todo tipo de actividades de estudo, investigación, creación, difusión, promoción, divulgación, formación, etc., tendentes a recuperar e dignificar a tradición dos desafíos orais improvisados en verso máis coñecidos como regueifas, brindos, loias ou calquera outra de carácter similar que teñan como denominador común a oralidade, o desafío, a improvisación, a rima, o enxeño ou a arte”.<sup>10</sup>

Muito ligado organicamente à fundação da ORAL de Galicia está o Certame Internacional de Improvisación Oral de Valadares, que inicia o seu camiño dous anos antes, em 14 de maio de 1995 no Auditorio Municipal do Concello de Vigo. Este Certame celebra-se com periodicidade anual, organizado atualmente pola própria ORAL de Galicia junto com o Centro de Interpretación da Oralidade de Vigo e a colaboración do Centro Cultural e Veciñal de Valadares, o Concello de Vigo e a Deputación de Ponte Vedra. A ligazón quanto a agentes implicados na planificación e organización de ambas as dúas actividades, o Certame de Valadares e as diferentes actividades promovidas pola ORAL, é directa (destacam, como veremos, a participación desde o inicio dos regueifeiros Pinto de Herbón e Luis o Caruncho, dous agentes de extensa e reconhecida trajetória.

A legitimación da ORAL de Galicia por parte doutras institucións e agentes do subsistema da regueifa verificam a súa consolidación e fai com que obtenha capacidade para establecer relacións com institucións doutros campos (de poder político e cultural) e implementar discursos e programas propios na dinámica do subsistema. É fundamental a relación establecida com institucións do campo de poder político como o Concelho de Vigo, nomeadamente com o seu Servizo de Normalización Lingüística, com o que programam conjuntamente obradoiros de regueifas (impartidos por regueifeiros membros da ORAL) e o

---

<sup>10</sup> <http://www.regueifa.org/quen-somos> [Consultado em 12/07/2019]

Certame Escolar de Regueifas<sup>11</sup>. É relevante também quanto ao apoio municipal e cessom de espaços para a criação do Centro de Interpretación da Oralidade. No relativo à Deputação de Ponte Vedra o seu papel é central desde 2017 no relativo a planos de investimento económico para a produção e distribuição de livros sobre a improvisação oral, assim os livros de Kike Estévez Marina Porto (2017) centrado na metodologia de ensino da regueifa e o monográfico sobre a regueifa de Ramón Pinheiro (2017). Há, contudo, conflitos abertos com a instituição de poder político representada pela Xunta de Galicia, como explicita a própria associação ORAL no díptico do XX Certame Internacional de Regueifas<sup>12</sup>.

Em relação ao *Repente Galego* de Pinheiro (2017), quero destacar o interesse da ORAL de Galicia sugerindo ao próprio autor escrever o livro e financiando a sua elaboração. Pinheiro introduz assim outra referência institucional menos central mas atuante no subsistema da regueifa na Galiza, o centro galego de música popular a Central Folque<sup>13</sup>, do qual faz parte da sua direção artística. Para além de Pinheiro, as relações da *Central* estabelecidas com a regueifeira Alba María e a publicação baixo a sua marca editorial do seu livro (Rodríguez, 2017) coloca-a no mercado de produção de ideias e na luta pelo controlo do espaço social e implementação de programas de ação no subsistema.

Com menos grau de institucionalização destacam *grupos*<sup>14</sup> como o Projeto Regueifesta, e a rede de projetos mais ampla desenvolvida arredor de alguns dos seus agentes mais representativos e que detalharemos a seguir. Projeto Regueifesta nasce a partir da iniciativa

---

<sup>11</sup> <https://snl.vigo.org/programa/obradoiros-de-regueifas-e-certame-escolar-12> [Consultado em 12/07/2019]

<sup>12</sup> <https://www.regueifa.org/sites/default/files/Folleto%20regueifas.pdf> [Consultado em 12/07/2019]

<sup>13</sup> <http://www.folque.com/01.140415wp/> [Consultado em 12/07/2019]

<sup>14</sup> Entendido aqui o conceito de *grupo* basicamente como conjunto de agentes com ideologia ou objetivos sociais comuns.

da implementação da regueifa como prática educativa nos IES Maximino Romero de Baio e Marco de Camballón de Vila de Cruzes, envolvendo principalmente dous agentes centrais do subsistema, Manolo Maseda e Séchu Sende, docentes respetivamente dos dous IES. Podemos afirmar que o objetivo principal deste grupo é a implementação de modelos de ação social e repertórios dirigidos ao fomento dumha consciência politicamente crítica no subsistema da regueifa, com a juventude como público alvo. Assim, a criação do 1º Encontro Regueiberto Galiza-Euskal Herría, celebrado nos dias 13 e 16 de maio de 2015 em Compostela, como espaço de encontro e intercambio escolar com o *bertsolarismo*, mas também como ferramenta modeladora de ideias e *referentes de analogia* do campo simbólico (político e cultural).

Neste sentido, outro dos projetos com caráter *institucionalizante* é o Enregueífate, um projeto impulsado polos concellos de Ames, Compostela e Teo com dous objetivos concretos: 1) “que a cidadanía entre en contacto coa improvisación oral en verso a través da experiencia de regueifar, nomeadamente no ámbito escolar” e 2) “contribuír, por medio dela [da regueifa], á promoción do uso da lingua galega”<sup>15</sup>.

Cumpr destacar a organización no Auditório de Galiza (Compostela), em 2 de maio de 2018, do encontro de improvisação oral para centros de ensino galego Regueifesta<sup>16</sup>, organizado conjuntamente por Enregueífate e Projeto Regueifesta. A coincidência do nome, se calhar, resultou pouco efetiva na hora de identificar os diferentes organizadores do encontro e condicionou em certa medida a autonomia de grupos do subsistema como o Projeto Regueifesta em relação ao campo de poder político.

---

<sup>15</sup> <https://enregueifate.gal/oproxecto/> [Consultado em 12/07/2019]

<sup>16</sup> <https://enregueifate.gal/regueifesta/> [Consultado em 12/07/2019]

Os diferentes projetos arredor da regueifa e o *trabalho social* investido na fabricaçom de novos repertórios e na sua distribuiçom e implementaçom, tem contribuído à criaçom dumha *energia* (Even-Zohar, 2007) que reforça e diversifica o subsistema. Comprovamos isto nas ideias sugeridas no capítulo 3 deste trabalho, em referência também à capacidade que diferentes *grupos*, mesmo marginais (isto é, posicionados nas *margens* mas com capacidade para atuar internamente), tenhem para contribuírem a ampliar a oferta repertorial e colocar algum destes repertórios na centralidade do subsistema, como está a acontecer de facto com a questom de género.

### 2.2.2. Agentes, trajetórias e posiçoms relativas

Nom é a funçom deste capítulo redigir umha historiografia da regueifa na Galiza nem colocar biografias de todos os regueifeiros e regueifeiras em ativo. Descreverei aqui algumas das trajetórias e posiçoms relativas dentro do subsistema, seguindo a proposta da teoria do campo de Bourdieu, dos agentes que considero atualmente relevantes para melhor entender as dinâmicas do campo, tentando alargar a anterior análise de instituiçoms e redes para agentes concretos. Terei em conta a noçom de *habitus*, para entender algumas das práticas e interesses específicos de cada um dos agentes e as estratégias de *distinçom* levadas a cabo por eles.

Assim, no subsistema da regueifa da Galiza podemos dizer que a representaçom da improvisaçom oral mais tradicional (quanto a temática, tonalidade e performatividade) em ativo está representada por **Suso de Xornes** e **Antonio de Xornes**. Estes improvisadores nascidos entre 1959 e 1962, mantivérom ademais umha ligaçom relacional (afetiva mas também como aprendizes da prática improvisadora) com alguns dos personagens históricos da regueifa na Galiza, entre eles Calviño de Tallo, já falecido, de quem Antonio de Xornes

reconheceu em diferentes ocasiões o seu magistério. Outros desses regueifeiros históricos já falecidos fôrom Celestrino de Leduzo ou Blanco de Muiñoseco, considerados iniciadores desta prática e mestres, por exemplo, doutros como Guillerme da Rabadeira ou Fermín da Feira Nova<sup>17</sup>, e nomeadamente da reconhecida tradição regueifeira da comarca de Bergantinhos de onde sairám, também, algumas das atuais regueifeiras mais centrais como Lupe Blanco.

**Pinto de Herbón** representa a segunda geração de regueifeiros vivos en ativo. Dá-se a conhecer na década de 90, no tempo de apariçom do *movimento bravu*. Em 1996 grava umha música no álbum *Unión Bravú*, um recopilatóro de grupos do movimento entre os quais tenhem um papel central *Os Diplomáticos de Monte Alto* e o seu cantor, Xurxo Souto, com quem Pinto terá umha relação fluída quanto a colaboraçoms musicais (o próprio álbum foi producido polo grupo musical de Souto), programas de rádio (*Sitio Distinto*), etc. É relevante também a sua relação com o músico internacional de origem galega Manu Chao, a quem acompanhou nalgum concerto e que o dotou de capitais no campo da música fusom do bravu. Junto com estes dous músicos, Xurxo Souto e Manu Chao, e a pandeireteira Josefa de Bastavales Pinto protagoniza um dos capítulos do programa da televisom galega, *Alalá*, em 2007, em que aparecem a regueifar<sup>18</sup>.

Em finais da década dos anos 90 Pinto de Herbón e **Luis o Caruncho** começam um projeto para ministrar obradoiros e palestras por institutos da Galiza. Estes dous regueifeiros,

---

<sup>17</sup> Podemos ver estes dous regueifeiros, recentemente falecidos em 2018, no programa da Televisión de Galicia, *Alalá*, sobre a regueifa de Bergantinhos emitido em 16 de junho de 2009. Da mesma forma, entrevistam Antonio e Suso de Xornes como continuadores da improvisaçom oral. Em linha em: <https://www.youtube.com/watch?v=rsAHJSya2IQ> [Consultado em: 09/07/2019]

<sup>18</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=KDLKu707WsM> [Consultado em: 09/07/2019]

nascidos em 1969 e 1971, trabalhárom desde os últimos anos da década de noventa, quase em solitário, a difusom e dinamizaçom da regueifa entre a mocidade de toda a Galiza. Se bem os regueifeiros Antonio e Suso de Xornes fôrom, durante os primeiros anos, os conservadores da tradiçom da improvisaçom oral em verso que tinham herdado da aprendizagem direta com os *regueifeiros históricos*, Pinto de Herbón e Luis o Caruncho fôrom pioneiros dalgumhas das práticas hoje estabelecidas com maior regularidade e planificaçom, como a elaboraçom de obradoiros, o interesse nas camadas da populaçom mais novas para transferir o conhecimento da regueifa e o trabalho em colaboraçom, e como parte, com a recém criada associaçom ORAL de Galicia ou na organizaçom desde a sua primeira ediçom em 1995 do *Certame Internacional de Improvisación Oral de Valadares*.

Muito próximos aos certames de Valadares e à crescente *escola viguesa* de regueifa estám os regueifeiros **Josinho de Teixeira e Bieito Lobarriñas**. Estes dous improvisadores fam parte, assim como os seus companheiros Pinto de Herbón e Luis o Caruncho, da primeira *geraçom* de regueifeiros que, envolvidos polos projetos desenhados na associaçom ORAL de Galicia, decidem investir esforços no lecionado de obradoiros e na organizaçom de certames internacionais de repente.

É em boa medida devido à conservaçom da regueifa como *bem* patrimonial (por parte, sobretudo, de Antonio e Suso de Xornes), e dos princípios dum trabalho socializador da regueifa como *ferramenta* com relativa eficácia (com Pinto de Herbón, Luis o Caruncho e o trabalho da ORAL de Galicia), que podemos explicar que esta forma de improvisaçom oral estivesse no *espaço de possíveis* dos agentes dos campos cultural e político posteriormente centrais no subsistema (ver 2.4.). A partir da segunda década de 2000 o número de agentes participantes na regueifa alarga-se, assim como os seus repertórios e modelos sociais.

A regueifeira **Lupe Blanco** fusiona a regueifa mais tradicional com um potente discurso feminista. Nasce em 1980 mas nom começa a regueifar até 2017 num encontro de *Polafia* organizado pola seçom de *Literatura de Tradiçom Oral da Associaçom Galega de Escritoras e Escritores em Língua Galega*<sup>19</sup> em Cabana de Bergantinhos. Contudo, nom saiu da escola viguesa nem de obradoiros de regueifa, como a maioria da nova camada de mulheres regueifeiras. Blanco é bisneta do consagrado regueifeiro Blanco de Muiño seco, falecido no ano 1989 e um dos referentes históricos da regueifa da comarca de Bergantinhos. Fai a sua primeira apariçom como regueifeira no *XX Certame Internacional de Improvisaçom Oral em Verso de Valadares*<sup>20</sup>. Imparte obradoiros de aprendizagem da regueifa na Fundación Eduardo Pondal e é a cada vez mais central no subsistema, com maior presença em atos públicos e obradoiros, participando também na administraçom dos obradoiros organizados polo Certame Enregueífate e apresentando junto com **Alba María** último *LGx15*<sup>21</sup> em Compostela (2019), um evento arredor de propostas de futuro para a língua galega organizado pola *Coordinadora de Traballadores/as de Normalización da Lingua*<sup>22</sup>.

É interessante atender à sua relativa repercussom mediática em relaçom à abertura em 2016 do seu facebook *Regueifando pola vida*<sup>23</sup>, a partir do qual conseguiu umha colaboraçom semanal em *Radio Voz Bergantiños* participando com a improvisaçom dumha copla, ademais de publicar um artigo, também semanal, no dominical do jornal *La Voz de Galicia* na ediçom de Carvalho.

---

<sup>19</sup> Em linha: <https://www.aelg.gal/Polafias/> [Consultado em: 09/07/2019]

<sup>20</sup> Em linha: <https://bit.ly/2JExQZs> [Consultado em: 09/07/2019]

<sup>21</sup> <https://lgx15.gal/> [Consultado em: 09/07/2019]

<sup>22</sup> <https://ctnl.gal/web/portada.php> [Consultado em: 09/07/2019]

<sup>23</sup> <https://bit.ly/2XWbZRj> [Consultado em: 09/07/2019]

Conhecer a função e posições de Alba María como agente no subsistema é fundamental para entendermos todo um projeto vinculado a alargar a regueifa a todos os setores do campo cultural galego. Também, seria interessante conhecer quais capitais adquiridos e legitimações desta regueifeira no campo cultural galego têm um valor de troca neste subsistema da regueifa na Galiza, no qual começa a partir dum obradoiro recebido no seu instituto de Vigo por Pinto de Herbón e Luis o Caruncho.

A sua relação com a organização de aCentral Folque facilita a sua profissionalização como artista musical, tirando o seu primeiro álbum *Aínda* (2014) após ganhar o I Certame de Canción de Autor do Concello de Teo. O seu sucesso no musical e as suas redes de relação e as colaborações com cantoras consagradas como Uxía Senlle ou Ugia Pedreira, colocam-na numa posição de relativa centralidade. Não podemos esquecer também a sua posição a respeito da escrita, faceta pela qual foi premiada no II Concurso Literario Mazarelos da Universidade de Santiago de Compostela e da qual também conhecemos através das letras das músicas do seu disco e das *performance* poético-musicais<sup>24</sup>.

Se bem liga com outras atividades artísticas complementares como concertos, é a única mulher que se dedica profissionalmente à regueifa, participando de diferentes formas: espetáculos, obradoiros em escolas, associações e instituições públicas, eventos festivos como casamentos ou feiras, etc. Isto faz com que a sua disponibilidade para a tutorização da maior parte de formações em liceus e aparições de todo tipo no espaço público seja maior do que a maior parte das suas parceiras.

A respeito do discurso de género e da *Nova Regueifa Feminista*, que abordaremos com mais vagar na seção 3.2.2, tem um papel central na divulgação e na sua introdução em espaços com maior grau de institucionalização e mais afastados dos *microcampos ativistas* (ver em

---

<sup>24</sup> Pinheiro, R. (2017, p. 282).

3.2). Introduz-se como investigadora no campo da oralidade com o livro *Regueifa en Bergantiños. Celestrino de Leduzo vs. Calviño de Tallo* (2017), um dos primeiros monográficos centrado na investigação sobre a improvisação oral de Bergantinhos.

**Kike Estévez** é outro dos regueifeiros que aparecem como resultado dos obradoiros lecionados pola ORAL de Galicia na última década. Desde os seus inícios como regueifeiro colabora ativamente com a ORAL e lecionou alguns obradoiros no Centro de Interpretación da Oralidade do Concello de Vigo. É a voz, desde 2016, no programa radiofónico dedicado à improvisação oral em verso *A punta da Navalla*<sup>25</sup> e autor junto com Marina Porto do *Metodoloxía didáctica do repente galego* (2017).

Um outro novo regueifeiro interessado no plano educativo e professor no ensino secundário como Estévez é **Séchu Sende**. Umha achega para entender a sua trajetória no campo político e literário foi elaborada por Isaac Lourido (2014) em *Livros que nom lê ninguém*. Aponta o autor que a trajetória de Sende “parece convergir numha atualização dinâmica do compromisso político como posição no sistema literário galego” (2014; p. 111). A sua prática literária e repertórios estão relacionados com o ecologismo (recitando no fim da manifestação de *Galiza Nom Se Vende* em Compostela em 2011)<sup>26</sup>, a independência nacional da Galiza ou a defesa da língua e da proposta sociológica (e nom apenas filologicista) do reintegracionismo, assim como com umha evidente tentativa em ser um autor pedagógico, produtor de diversos géneros literários e de produtos de criação artística entre o textual e o desenho. Ademais, destaca a sua vinculação com alguns projetos artísticos como o coletivo *Burla Negra*, plataforma de artistas criada em novembro de 2002 como parte das

---

<sup>25</sup> Disponível em Ivoox: [https://www.ivoox.com/podcast-a-punta-da-navalla\\_sq\\_f1308652\\_1.html](https://www.ivoox.com/podcast-a-punta-da-navalla_sq_f1308652_1.html) [Consultado em: 11/07/2019]

<sup>26</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=bCVXmsY0yMQ> [Consultado em: 11/07/2019]

mobilizações populares durante a crise do Prestige, e umha procura de novas formas de criação de discurso político através da expressão artística.

No subsistema da regueifa, o trabalho de Sende centrou-se em criar referencialidades e vias de legitimação dentro do subsistema com diferentes discursos. Por umha parte, no referido ao discurso político, a contribuição para umha regueifa antagonista e a ligação com modelos sociais experimentados em Euskal Herria no caso do bertsolarismo. Por outra, o seu papel junto com **Manolo Maseda** é fundamental na criação de repertórios da regueifa centrados na prática educativa. Som Maseda e Sende os artífices da criação do *Proxecto Regueifesta*, junto com o alumnado da matéria escolar de RIOV, da qual som também protagonistas quanto ao desenho do seu curriculum escolar, adaptação e à sua implementação noutros centros.

No caso de Maseda o interesse e âmbito de atuação em relação à regueifa som o campo do ensino e a recuperação e esparegimento da tradição musical ligada à improvisação. Maseda é músico de formação, formando parte de grupos como *Serra-lhe aí* ou as últimas formações de *Os diplomáticos de Monte-Alto*, o que o coloca inevitavelmente no campo cultural galego ligado ao musical com uns capitais e umha posição relativamente central. Ademais é professor de música no secundário e diretor do IES Máximo Romero de Lema, em Baio.

Umha das representantes da *regueifa feminista* é **Sara Marchena** (ver 3.2.2). Marchena nom ocupa um espaço central no subsistema, se bem também nom fica fora do circuito de obradoiros de programas como o Enreguéifate, que atualmente imparte junto com Alba María, Lupe Blanco e Josinho da Teixeira no Milhadoiro e Bertamiráns, no Concelho de Ames. Contudo, o fundamental a respeito desta agente é compreender que a sua trajetória como regueifeira desenvolve-se principalmente sem contar com a via de legitimação institucional, assim como a dos próprios movimentos autónomos. É este o habitus que

desenvolvem algumas outras mulheres regueifeiras<sup>27</sup>, ativistas dos feminismos (*Conas Ceives*, batucadas feministas, centros sociais, etc.) com repertórios e intervenções que ligam o musical e o político, a ocupação do espaço público e a regueifa.

Em 2015, na apresentação da recém constituída *Assembleia de Mulheres Repentistas*, num ato organizado pola própria *Assembleia* e a Regueifesta na biblioteca pública Anxel Casal de Compostela, Marchena marcou na sua exposição um caminho para a regueifa com um discurso autónomo, feminista, nom centrado na confluência com os regueifeiros que, até esse momento, faziam parte dos mesmos espaços e ocupavam com evidência a sua centralidade, focando assim na construção de discursos de rutura com modelos heteropatriarcais.

Em relação à nova vaga de obradoiros herdados da ORAL, a implementação da matéria escolar de RIOV e o crescimento dum discurso feminista com práticas e regras próprias, aparecem novas regueifeiras que vam colocando-se numha relativa centralidade dentro do subsistema. Em 2016, fam a sua aparição pública Noa de Capón e Nuria das Cruces, alunas do IES Marco do Camballón, regueifando no *Luar*<sup>28</sup> junto com Sara Marchena, Alba Maria e a também novíssima Esther das Luras, da escola viguesa e envolvida também nos obradoiros de regueifa feminista. Este grupo de novíssimas regueifeiras som as protagonistas do que dérom em chamar *Nova Regueifa Feminista*.

### **2.3. Disponibilidade e reinscrição**

O ressurgimento na última década da regueifa no campo cultural galego nutre-se, com maior evidência nalguns *microcampos ativistas*, dum processo de *transferência inter-sistémica*, de importação de práticas e discursos identificados no bertsolarismo, forma de improvisação

---

<sup>27</sup> Alguns dos nomes mais representativos som recolhidos na seção 3.2.2.1.

<sup>28</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=lulfGAlbyRI> [Consultado em 12/07/2019]

oral amplamente representativa e que ocupa posições de centralidade, bem no campo cultural bem no campo político basco. Exemplo desta representação nos diferentes campos é a do prologuista do livro *Repente Galego* (Pinheiro, 2017), Joxerra Garzia. Bertsolari reconhecido, apresentador de programas radiofónicos e televisivos arredor da matéria do bertso, investigador e co-autor de *El arte del bertsolarimo*<sup>29</sup> (2001) assim como autor de obras de diferentes géneros literários, sendo ademais presidente da *Associação de Escritores Bascos* entre 1993 e 1997<sup>30</sup>. A sua escolha por parte de Pinheiro parece legitimar também a própria prática da improvisação oral na Galiza, sendo o reconhecimento de agentes centrais (neste caso de sistemas diferentes mas que funciona como *referente de analogia*) a via principal de legitimação. Caberia perguntar-se se o reconhecimento como bertsolari dos seus pares do sistema, constrói umha via de legitimação para o agente ocupar posições centrais do sistema cultural, mais alargado, e se essas mesmas trajetórias poderiam ser análogas no caso de agentes do subsistema da regueifa na Galiza.

Esta transferência de práticas e processos para o subsistema da regueifa na Galiza descrita anteriormente, encaminhada para a construção dumha analogia do carácter político, protagonizada por agentes concretos do subsistema como Séchu Sende, fortalece-se a partir de experiências coletivas como a organização do *Regueibertso* (2015), dando como resultado relações e intercâmbios regulares entre escolas galegas e bascas<sup>31</sup> e a construção dum relato político comum. Neste sentido, o encaixe desta transferência para o campo cultural galego

---

<sup>29</sup> Livro referencial na conceção social do bertsolarismo como *bem* e *ferramenta* e na metodologia e planificação da sua aprendizagem.

<sup>30</sup> Poderiam-se colocar mais nomes no campo do bertsolarismo com posições relativamente centrais noutros campos (culturais e políticos).

<sup>31</sup> A crónica do Regueibertso em maio de 2017, em Euskal Herria: <https://bit.ly/30DHOjt> [consultado em: 13/06/2019]

responde a umha *disponibilidade* (Even-Zohar, 2005) de práticas e repertórios próprios da tradição cultural galega, desativados ou neutralizados politicamente em décadas passadas, mas que facilitam a possibilidade dumha *reinscriçom* da regueifa em chave antagonista, com o acréscimo de repertórios inovadores de reivindicaçom política (lingüística, de género, de classe, nacional, etc.) que nom identificamos nas práticas e nos repertórios dalguns dos regueifeiros mais veteranos e reconhecidos, como os citados Antonio e Suso de Xornes, nem daqueles que começam a atingir reconhecimento na década de 1990 como Pinto de Herbón ou Luis o Caruncho.

Quanto à questom da disponibilidade, os trabalhos etnográficos e as representaçoms da *tradiçom oral* como elemento central na construçom da cultura galega (Blanco: 1992; 1994; Lisón Tolosana: 2004), evidenciam que as condiçoms simbólicas (e nom só, também repertoriais) do campo cultural facilitam umha adaptaçom destas propostas literárias performativas. Contudo, e ainda a dia de hoje, a relativa repercussom e modernizaçom da regueifa, que poderia estar em sintonia e fusom com a improvisaçom oral de novos repertórios musicais como o *freestyle* do rap, nom avonda para termos exemplos esclarecedores de tal combinatória. Por colocar o balanço doutro lado, nengum dos incipientes grupos de música rap em galego introduzírom ainda essa disponibilidade repertorial, ainda havendo umha aparente introduçom nesse estilo musical, também na Galiza, de repertórios reivindicativos<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> Sim tem acontecido esta fusom no caso de grupos musicais do campo cultural basco, por exemplo, o *bertso-hop* de Negu Gorriak: <https://www.youtube.com/watch?v=0aCcrx56LLo> [13/07/2019]

### 3. Regueifa, microcampos e antagonismo político

#### 3.1. Regueifa anagonista

Neste capítulo tratarei de fazer umha abordagem de algumas das práticas poéticas que considero conformam o que denominarei *regueifa antagonista*. Para isso tentarei definir o conceito que caracteriza este tipo de regueifa, as práticas e *modos de fazer*, os espaços e as encenações que os acompanham, etc. Tomo como referência para a análise o conceito de *contra-espaço público* que desenvolve González-Millán (2000; pp. 66-67) para tentar dar umha melhor explicação a respeito do funcionamento das práticas desenvolvidas nestes espaços. Isto é, para melhor definir os espaços e as redes que ocupam, sendo estes espaços marcados pola sua conflituosidade, pola sua institucionalização precária ou pola ausência total dela. Som ademais espaços muito heterogêneos e caracterizam-se por terem umha construção relativamente autónoma, sem desatender umha contraposição, vertebradora, aos valores artísticos e políticos hegemónicos, e um habitus que definiremos como próprio dos agentes dos *microcampos* activistas (Lourido, 2015; pp. 224-228), com capitais e reconhecimentos afastados dos campos cultural e de poder político.

O conceito *antagonista* remete para umha ideia de confrontação com as pautas e valores hegemónicos, culturais e económicos. Para umha regueifa antagonista teremos de colocar, ademais do já tratado para outras poéticas inovadoras, algumas questons chave: a) a quebra com poéticas autorreferenciais, b) a necessidade da encenação da regueifa em espaços de participação coletiva (como centros sociais auto-geridos, festivais alternativos e outro tipo de espaços ou eventos distanciados das instituições oficiais) e c) a reivindicação política explícita nas coplas. Isto, se possível, acompanhando processos de contestação social e criando redes (de gestom, produção e distribuição) à margem do mercado do capitalismo,

ou que o questionem, sendo capazes de desestabilizar os campos culturais e de poder. Também, acho é de interesse para trabalhos centrados nestas poéticas reparar nas medições das eficácias atingidas no plano da intervenção política em relação aos textos, aos discursos utilizados. Estes textos (orais, no caso da regueifa) têm um papel central nas produções literárias pensadas *para o político*. Em relação a isto, também, e considerando que as práticas estudadas constituem um denso exercício de *imaginação cultural* renovadora, é necessário ter presente a capacidade de criação, canonização e consagração de novos repertórios e novas propostas de ação coletiva, reconhecendo e fazendo medição do campo de possíveis destas práticas, tendo em conta as suas *eficácias táticas e estratégicas* (Claramonte, 2009) isto é, em que medida conseguem atingir os objetivos pretendidos nos diferentes prazos, imediatos ou prolongados, que constituem um processo de luta social.

### **3.2. Para um estudo do antagonismo na regueifa. Dous casos práticos**

#### **3.2.1. Semente, escola de regueifa**

Um dos espaços onde a prática pedagógica através do ensino da improvisação oral em verso foi introduzida com maior sucesso e regularidade é nas Escolas de Ensino Galego Semente<sup>33</sup>. Desde 2015 a sua promoção de cara às famílias, a utilização como ferramenta educativa para a aprendizagem formativa das pessoas educadoras e a proposta como ferramenta dinamizadora de diferentes atividades lúdicas dirigidas a crianças foram contínuas. Para entendermos contudo o caráter reivindicativo, antagonista e a importância desta escolha repertorial educativa para a diversificação no subsistema da regueifa na Galiza, em relação ao exposto, é inevitável fazer referência a duas questões. São as seguintes:

---

<sup>33</sup> Se bem em todas as escolas Semente trabalham a regueifa como prática educativa e para o jogo, é na Semente de Compostela onde se desenvolvem as práticas aqui analisadas.

- 1) A posição periférica da rede de Escolas de Ensino Galego Semente devido a um modelo pedagógico que aposta na imersão linguística em galego, que promove a auto-gestão, o feminismo, a laicidade e que tomam o seu nome das escolas promovidas pelas Irmandades da Fala no século XIX e o objetivo de construir as bases para a Escola Nacional Galega. Devemos referir que a Semente nasce em 2011 como um projeto próprio do compostelano Centro Social A Gentalha do Pichel, muito vinculado ao independentismo galego de base.
  
- 2) O alto grau de implicação dum dos agentes centrais no subsistema da regueifa, Séchu Sende, que é para além da pessoa que imparte as aulas, ativista fundador das Escolas de Ensino Galego Semente, nas quais integra parte dos seus projetos fazendo parte da assembleia de famílias da Semente Compostela.

No curso escolar 2018-19 Semente Compostela conta com dois grupos de aulas de Regueifa e improvisação oral em verso<sup>34</sup> dirigidos a duas faixas de idade: De 3 a 6 anos, com um total de 5 alunos/as, e de 8 a 12 anos, com um total de 12 alunos/as, algumas das quais já fizeram parte das aulas em anos anteriores.

Em 2015, e antecedendo os cursos anteriormente citados, Semente Compostela anuncia a nova edição de cursos para crianças. Entre eles, e como novidade, aparece o curso de *Estimulação com rima e regueifa*<sup>35</sup>, e na própria apresentação em 27 de março da maneira de

---

<sup>34</sup> As aulas são lecionadas no Centro Social A Gentalha do Pichel, podendo participar qualquer criança de 3 a 12 anos, sendo ou não sócia da escola. Eis a convocatória em linha:

<http://sementecompostela.com/index.php/2018/cursos-novos-a-partir-de-outubro> [consultado em 12/06/2019]

<sup>35</sup> <http://sementecompostela.com/index.php/2015/novos-cursos> [consultado em: 13/06/2019]

2015 um monográfico para maes, pais e educadores/as através do qual aprenderam a tirar utilidade da regueifa com as suas crianças. Na palestra falam Séchu Sendé, com a sua experiência pessoal como pai da Semente que regueifa com as suas crianças e como recém iniciado na improvisação oral, e Pinto de Herbón, como regueifeiro tradicional que leva anos a conservar a prática improvisadora. Junto com Pinto de Herbón encontramos já o seu filho Xairo, também regueifeiro.

Existe já nesse momento umha tentativa de legitimação da prática da improvisação oral em verso em espaços subalternos, com consciência da sua capacidade ativista, mas é algum tempo depois que questons como a de género vam encabeçar sem nengumha dúvida os discursos em obradoiros e palestras sobre a prática da regueifa ou em qualquer ato público que a Semente esteja a organizar. Exemplo disto som os obradoiros que seguírom na Semente Lugo organizados no fim de semana de 7 e 8 de abril de 2018, *Regueifa 2.0 educando em igualdade*<sup>36</sup> lecionado por Alba María, quem colabora também atualmente nos conteúdos das aulas em Semente Compostela.

Umha das ocupaçõs nas aulas de regueifa da Semente Compostela lecionadas no curso 2018-19, para além da própria aprendizagem e organização de eventos abertos ao público, foi a elaboração de vídeos-documentais. Estes vídeos abordam diferentes aspetos da regueifa na atualidade e neles as crianças dirigem as temáticas acompanhadas de algunhas das persoas protagonistas. Baixo o nome de *regueitubeiras*, através da canle de *Youtube* da *Semente Compostela*<sup>37</sup> a turma subiu até hoje três vídeos-documentais com as seguintes temáticas:

---

<sup>36</sup> <https://bit.ly/2LZAI1q> [consultado em: 13/06/2019]

<sup>37</sup> <https://www.youtube.com/channel/UCfHwM488-VZz1q9rJF23pPw> [consultado em: 13/06/2019]

1) *Sobre a regueifa, Antonio Fraguas e improvisaçõs várias...*<sup>38</sup> Em que se pretende fazer umha introduçom às formas tradicionais de improvisaçom oral galega (regueifa e brindo nomeadamente) aproveitando como fundo a dedicatõria do Dia das Letras Galegas ao homenageado Fraguas.

2) *O brindo e o aturujo*<sup>39</sup>, dedicado a esses dous aspetos e à recuperaçom da memõria de improvisadores e improvisadoras históricas, assim como sobre o Festival de Brindos da Põvoa do Brolhom desse mesmo ano.

3) O último e o que tem maior interesse nesta investigaçom, assim como também o de maior duraçom, aborda a conexom entre a atual prática da regueifa e como está a ser reformulada polo discurso dos feminismos e os movimentos sociais, *A Nova Regueifa Feminista*<sup>40</sup>.

Se bem os vídeos nom conseguem tratar todas as perspetivas e microtendências dentro do subsistema da regueifa na Galiza, sendo um total de meia hora de gravaçom, a produçom destes materiais é umha oportunidade fundamental para a sua utilizaçom no ensino (está a ser já utilizado como material nas aulas de RIOV), mas também para entender um bocado mais as relaçõs e tensõs entre agentes do campo. É interessante reparar nessas tensõs, com evidência dialécticas mas nom só, entre os discursos presentes nas coplas das mulheres regueifeiras e nas contestaçõs dissuasõrias, paternalistas e/ou com vontade de salvar e nom desestabilizar os capitais e reconhecimentos dos homens regueifeiros no campo social em que

---

<sup>38</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=0b7LAFijpag&t=358s> [consultado em: 13/06/2019]

<sup>39</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=bw-z9zKgC5c> [consultado em: 13/06/2019]

<sup>40</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=kmpwyoG6Etk&t=493s> [consultado em: 13/06/2019]

até o momento eram centrais. Podemos vê-lo de forma muito esclarecedora na gravação dum desafio em 2018 na comarca de Bergantinhos entre Lupe Blanco e Antonio de Xornes<sup>41</sup>:

LB eu nom che quedo calada  
e vou-che dar umha pista  
mira bem-e o que cantas  
e nom me seas machista

AX eu machista nom som  
nim me revento no peito  
sei que inda tas aprendendo  
vou ter o vagar com jeito

LB eu inda tou aprendendo  
pero digo-che-eu artista  
aprende ti bem agora  
ca regueifa é feminista

Interessa ademais destacar a função deste vídeo para a recuperação da memória das mulheres improvisadoras, que se bem nom tivérom o acompanhamento dum movimento e duns discursos em que se apoiarem, fôrom pioneiras no desafio improvisado com homens e vivêrom as mesmas tensões e a mesma luta polo controlo dos capitais como recolhem no

---

<sup>41</sup> Desafio no minuto 7:37-8:12, em: <https://www.youtube.com/watch?v=kmpwyoG6Etk&t=493s> [consultado em: 13/06/2019]

caso das coplas da regueifeira Paola Beiro no VI Certame Internacional de Regueifas no Berbés, Vigo, em 2002, em controversia com o regueifeiro Antonio de Xornes<sup>42</sup>:

PB    deixa-me-e falar a mim-e  
      e deixade de fazer-e  
      que-eu som umha boa rapaza  
      e deixade falar a mulher-e

AX    levo vinte anos de regueifeiro  
      ca verdá algo requere  
      pois em toda minha vida  
      nunca cantei cumha mulher-e

PB    pois sempre hai umha primeira vez-e  
      hai meu queridinho antonio  
      a ver como te me portas  
      nom me sea moi demonio

Quanto à análise das eficácias das práticas e os repertórios desenvolvidos neste espaço educativo podemos materializar alguns sucessos relativos e colocar algumas perguntas. Nas

---

<sup>42</sup> Minuto 4:00-6:25, em: <https://www.youtube.com/watch?v=kmpwyoG6Etk&t=493s> [consultado em: 13/06/2019].

Completo na gravaçom de ORAL em: <https://www.youtube.com/watch?v=X3xF3k1VuV0> [consultado em: 13/06/2019]

Escolas de Ensino Galego Semente a regueifa tornou umha prática de aprendizagem lúdica por meio da qual assegurar o jogo em galego (objetivo central nestas escolas de imersom lingüística), devido à inerente utilização desta língua para a improvisaçom das coplas. Algumha cousa similar acontece com o aproveitamento do discurso feminista, antipatriarcal, crescente e com relativa capacidade para ocupar posiçoms cada vez mais centrais no subsistema da regueifa na Galiza. Com mais evidência na Escola Semente Compostela e com alargamento paulatino destas práticas e repertórios para as outras escolas<sup>43</sup> está-se a atingir certa naturalizaçom da prática improvisadora. No relativo às eficácias *táticas* o sucesso é mais visível, por exemplo, no funcionamento do trabalho quotidiano com as crianças, na elaboraçom de materiais pedagógicos como os vídeos e na introduçom de espaços para a regueifa nos eventos, cursos e aulas destas escolas já anteriormente comentados. Fica por ver quais as eficácias a nível *estratégico*, por exemplo, e as capacidades para colocar discursos políticos mais conflituosos nas regueifas doutros espaços educativos como as aulas de RIOV ou, de forma mais ambiciosa, se destes espaços há capacidade para introduzir a regueifa dentro das práticas e repertórios dos *espaços adultos* do campo cultural e político galego.

### **3.2.2. Microcampo da Regueifa feminista**

A heterogeneidade dos sistemas (e subsistemas) fracos fai com que existam práticas e posiçoms localizadas mais na periferia do que no centro, com maior grau de autonomia a respeito do campo de poder político e dos centros do campo cultural, mas com umha ligaçom

---

<sup>43</sup> Atualmente existem oito Escolas de Ensino Galego Semente: três em Compostela (duas infantis e umha de primário), umha na Corunha, umha em Lugo, duas em Trasancos (infantil e primário) e mais umha em Vigo. Também estão em andamento as escolas de Ponte Vedra e da Amaia.

estreita ao campo de produção ideológica e às vias de legitimação, reconhecimentos e circulação dos microcampos ativistas dos movimentos sociais.

Esse é o caso do *microcampo* da regueifa feminista, com práticas poéticas e repertórios de ação direta, com um habitus mais achegado ao campo do ativismo, dos movimentos sociais, do que ao campo estritamente literário. Isto é assim porque as suas poéticas surgem de reivindicações do antagonismo político, ou antes bem, porque agentes sociais implicados nas disputas do campo servem-se da regueifa, da sua disponibilidade como bem, para convertê-la em *ferramenta ativa* de cara ao aproveitamento dumha proposta de ação política. É fundamental termos em conta esta perspectiva à hora de analisarmos as diferentes propostas com as suas diferentes funções, assim como para identificarmos possíveis vias de legitimação, havendo tomadas de posição entre o ativismo ou a consagração e a sua consequente profissionalização que podem chegar a conflitar.

A proposta desta regueifa feminista, que incorpora habitus característicos dos modos de fazer dos movimentos sociais e localizada fora de redes de legitimação e consagração de poder, para além (e já não é pouco) dum discurso que promova o pensamento crítico e a reflexão coletiva, tem de ser umha proposta de construção doutras práticas poéticas, assim como a construção da poesia antagonista tem de ir além do textual e da ação cultural. Deste modo, no *microcampo da regueifa feminista* seria necessário repensar: a) os públicos e a recepção, b) a difusão, c) as autorias e a possibilidade de coletivizá-las e, d) como intrínseco ao caso da regueifa, o formato livro e a não-planificação.

### **3.2.2.1. (Encontros de) Mulheres Repentistas da Galiza**

Em 28 de janeiro de 2017, dois anos após a sua criação, o *Projeto Regueifesta* organiza em Vila de Cruzes o *I Encontro de Mulheres Repentistas da Galiza*. Lembremos que o *Projeto*

*Regueifesta* está formado por alunado de RIOV dos IES de Baio e das Cruzes, assim como polos seus profesores e regueifeiros Maseda e Sende.

Neste primeiro Encontro fôrom quinze as mulheres que se reunírom para reflexionarem sobre a questom de género na regueifa, o seu papel como mulheres regueifeiras e os passos a darem para começar a ocupar mais espaços. A programación contava com umha assembleia inicial e um obradoiro (impartido por Alba María) de *regueifa feminista* só para mulheres (inscritas), para seguir com umha atuação de várias regueifeiras e mais umha foliada, estas últimas abertas ao público.

Um dado de interesse a respeito do acontecido neste *Encontro* foi a homenagem por parte das regueifeiras mais novas a Angelita de Baño, brindeira histórica do Courel, e à pandereteira Josefa de Bastavales. Umha mostra de reconhecimento e umha aposta na legitimación da mulher dentro do subsistema do improviso da Galiza. Todo isto refletiu-se num manifesto<sup>44</sup> assinado polas participantes que apela à capacidade das mulheres de improvisar e da necessidade de empoderarem-se, consolidando de facto a *Assembleia de Mulheres Repentistas da Galiza*. Nesse manifesto fai-se referêncià à palavra *samurais*, devido a um conflito entre alguns homens vindos da regueifa tradicional e que entendiam que a capacidade da improvisación era antes bem umha questom genética do que umha prática adquirida. Os *samurais* seriam assim os homens regueifeiros legitimados, reconhecidos polos seus pares e com posições relativamente centrais no subsistema da regueifa. É umha chamada de atençom e em certa medida umha contestaçom ao discurso hetero-patriarcal hegemónico nas coplas improvisadas.

---

<sup>44</sup> Para a leitura do Manifesto elaborado pola *Assembleia de Mulheres Repentistas da Galiza* em janeiro de 2017 consultar ANEXO 1.

Em 24 de fevereiro de 2018 tem lugar, de novo no concelho pontevedrés de Vila de Cruzes, o *II Encontro de Mulheres Repentistas da Galiza*. Neste Encontro, mais numeroso do que o anterior, participáram na sua apresentação as alunas e regueifeiras do IES Marco do Camballón, Nuria das Cruzes e Lorena Medela. Com elas, um número relativamente amplo de crianças e mulheres repentistas como Alba María, Sara Marchena, Sofia, a Gharota da Ribeira, Marisa Otero, Pia Lago, Lara do Ar, Silvinha, Aurora Redondo, Olaia Liñares ou Joana Santos Vilela e Estrela do Courel, alunas de regueifa da Escola Semente de Compostela.

A programação deste *II Encontro* começa novamente com umha assembleia fechada de mulheres repentistas que se prolonga durante as horas da manhã. Contáram também com umha mesa redonda aberta ao público arredor da *Nova Regueifa Feminista*, umha atuação e umha foliada para finalizar a jornada.

Quero destacar duas questons que se tenhem colocado nestes *Encontros*, nunca antes, e que acho fundamentais para a construção dumha regueifa antagonista e feminista:

- 1) A necessária auto-organização das mulheres regueifeiras como sujeito político, para construirem novas vias de legitimação dentro do subsistema e para o reconhecimento mútuo entre as agentes. É umha chave fundamental, neste sentido, a sua auto-proclamação como *Nova Regueifa Feminista* e o manifesto que dá voz à *Assembleia*.
- 2) A tensão gerada entre agentes e instituições mais centrais do subsistema da regueifa (os velhos regueifeiros de Bergantinhos, os assinalados em coplas anteriores ou a própria ORAL como instituição) e os repertórios e propostas de ação social

utilizados por agentes desta *Nova Regueifa Feminista*, caraterísticos (e capitalizáveis) nos *microcampos* dos movimentos sociais mais autónomos.

### **3.2.2.2. Obradoiros de regueifa feminista**

Algumhas das regueifeiras protagonistas dos *Encontros de Mulheres* como Alba María, Lupe Blanco ou Sara Marchena tenhem-se dedicado nos últimos tempos a impartirem obradoiros pagos por instituições públicas (ver 2.2.), na maior parte das vezes como parte da associação ORAL. Estes obradoiros, impartidos habitualmente por regueifeiros e regueifeiras de forma combinada som patuados polo conjunto das pessoas (tamém habitualmente pola ORAL, que funciona como instituição central na qual se ampara o conjunto de improvisadoras e improvisadores da Galiza), polo que nem sempre é possível recolher algumhas das propostas mais radicais, de menos consenso e mais conflituosas vindas dos movimentos políticos e que tenhem provocado tensões entre os agentes do subsistema da regueifa, como as postas em prática, por exemplo, por Sara Marchena.

Se bem considero fundamentais estas tomadas de posições na centralidade de algumhas das regueifeiras, e sabendo que isto fai com que seja agora fundamental a presença de mulheres em qualquer obradoiro ou atividade pública, espaços em que antes eram invisibilizadas, interessa-me agora aqui destacar a função dos obradoiros de *regueifa feminista*. Estes obradoiros fôrom organizados a partir de 2017, quando após o *I Encontro de Mulheres Repentistas* a associação *Chave das Noces* (Castro Verde) fai a petição de receber um obradoiro de regueifa com perspectiva de género. Este obradoiro foi impartido por Sara

Marchena, Branca Trigo e Esther das Luras. Os materiais utilizados<sup>45</sup> no obradoiro fôrom especialmente produzidos para esta ocasiom e seriam os utilizados em obradoiros posteriores levados a cabo por mulheres da *Assembleia* de repentistas.

Situados mais na periferia, mais interessados nos repertórios e no reconhecimento das suas companheiras dos feminismos, som o cenário de prova em que se podem desenvolver as práticas e modelos sociais destes microcampos feministas que fam parte do subsistema da regueifa na Galiza.

Há que ter em conta o espaço social que ocupam estes projetos, minoritário quanto a número de participantes e quanto à regularidade temporal a respeito dos organizados pola associaçom ORAL. Contudo som grupos muito reforçados na sua argumentaçom política e muito conscientes das suas qualidades, capazes de visibilizar e dar centralidade a diferentes problemáticas, tal como o sociólogo Moscovici (1996) descreveu as *minorias ativas*. O objetivo principal destes obradoiros de regueifa feminista é dotar de maior oferta repertorial os feminismos, levar a regueifa como mais umha proposta de açom política para combater o heteropatriarcado.

O *modus operandi* nestes obradoiros consiste em criar um ambiente de confiança entre as mulheres participantes, identificar o machismo nas coplas regueifadas nos diversos desafios ou na própria postura corporal dos improvisadores e organizar a resposta e o plano de açom em coletivo para construir umha outra proposta de regueifa nom assentada nas lógicas patriarcais.

---

<sup>45</sup> Materias relativos aos jogos realizados durante o obradoiro para a aprendizagem da regueifa: fichas com as palavras finais para construir as coplas (ANEXO 2) e *coplas machistas* (ANEXO 3) para construir umha copla de resposta feminista. Estes materiais fôrom cedidos por Sara Marchena.

Até hoje e desde março de 2017 em que se organizou o primeiro obradoiro tenhem-se organizado obradoiros feministas em espaços autogestionados, por vezes sendo obradoiros nom mistos a petiçom do coletivo de mulheres a quem ia dirigido. Assim, por exemplo, os casos do Centro Social Okupado Escárnio e Maldizer (Compostela), Festival das Brétemas (Ponte Areias) e Festivala (Vila Garcia, promovido polo coletivo feminista O sonho de Lilith), mas também Centro Social As Pedriñas (Mos), Unión de Muchachas (Boiro), Centro Social Gentalha do Pichel (Compostela), Zazpi Katu Gaztetxea (Bilbao), Ventofolk (Redondela) e Amigos da Terra (Compostela).

Cumpre fazer umha análise dos dados expostos e pensar sobre quais as eficácias dos repertórios e práticas do *microcampo da regueifa feminista*, quais os sucessos e qual o horizonte de possíveis. Neste sentido, é fundamental ter em conta a apariçom de coletivos de mulheres organizadas em chave de género como a *Assembleia de Mulheres Repentistas*, assim como os obradoiros ofertados por elas e a continuidade no tempo dos mesmos (2017 em diante). Estas duas questons, unidas ao apoio do seu discurso por grupos mais politizados do subsistema da regueifa na Galiza, materializados, por exemplo, na figura de Séchu Sende ou nos repertórios desenvolvidos na Semente Compostela, dérom algum resultado. O primeiro as tensons internas produzidas entre agentes do subsistema (ver 3.2.1. e 3.2.2.1.) provocadas pola mudança das lógicas herdadas do heteropatriarcado. Estas tensons potenciárom a apariçom de novas agentes até o momento nom reconhecidas, como as componentes da *Assembleia* (mulheres e que nom superam na sua ampla maioria os trinta anos de idade), e que em certo modo desestabilizam o conceito de autoria até esse momento

muito consolidado nos regueifeiros históricos<sup>46</sup>. Com isto, e em segundo lugar, também os públicos, a receção e os espaços da regueifa mudárom, como se pode comprovar na organização de obradoiros em torno a centros sociais e, em definitivo, *contra-espços públicos*.

---

<sup>46</sup> Com certeza, ocorrem exceçõs como pode ser o caso de Alba María, que obtém reconhecimentos doutros agentes também e instituições do subsistema (das companheiras da *Assembleia* mas também da ORAL ou aCentral Folque), possivelmente também por acumulaçom de capitais prévios do campo cultural e musical.

## **Conclusons provisórias e linhas futuras**

Tentarei colocar brevemente neste capítulo final umha série de conclusons tiradas a partir da execuçom do trabalho, dos conhecimentos adquiridos e de algunhas perguntas que fum formulando enquanto redigim esta investigaçom e que ficam ainda sem resolver. Tratarei de fazer também propostas de algunha das possíveis futuras vias de investigaçom que acho de interesse para o conhecimento e alargamento funcional da regueifa. Quanto às conclusons tiradas a partir dos objetivos que formulei na introduçom do trabalho, dividirei-nas em três ideias fundamentais: 1) a eficácia da aplicaçom das teorias sistémicas para o estudo da regueifa, 2) a estrutura geral e as dinâmicas de funcionamento que identifiquei no subsistema da regueifa na Galiza e 3) a possibilidade de utilizaçom da regueifa como ferramenta para o ativismo antagonista.

Em primeiro lugar, a aplicaçom das teorias sistémicas para o estudo do subsistema da regueifa na Galiza foi efetiva para o desenho dum esquema mais complexo das redes e os agentes envolvidos, assim como dos diferentes discursos e repertórios em jogo na prática da improvisaçom oral galega. Ao mesmo tempo, a identificaçom do objeto de estudo como parte do sistema literário galego e a colocaçom de nomes concretos dos agentes e as instituicons envolvidas, facilitou a compreensom dalguns dos processos de ressurgimento e do interesse criado em grupos que até o de agora nom participaram desta prática. Assim, permitiu-me desenvolver umha ideia alargada do que a regueifa está a significar no campo cultural galego, centrando a análise em trajetórias, repertórios e modelos sociais.

Em segundo lugar, identifiquei na estrutura do subsistema umha centralidade institucional da associaçom ORAL de Galicia, que envolve um maior número de agentes na sua atividade, com mais reconhecimento por parte das instituicons que ocupam posiçons de centralidade

relativa do subsistema, assim como com relativo reconhecimento da totalidade das agentes. Esta posição central da ORAL facilitou a sua implementação de práticas e discursos até o de agora hegemónicos, que apenas nos últimos cinco anos se vêm imersos numa luta simbólica polos capitais e a centralidade do campo. Esta tensão, que não só ativou o subsistema senão que provocou, de facto, a sua aparição, explica-se a partir de diversas renovações. Por um lado, da manifestação de grupos e agentes com acumulação de capitais do campo cultural (musical, literário) galego como Alba María ou Manolo Maseda, com objetivos focados na renovação repertorial dirigida à prática pedagógica e na interpretação musical. Por outro lado, da aparição dum discurso antagonista dos grupos mais periféricos, mais interessados nos campos de produção ideológica do ativismo e reforçados pela aparição de alguns dos agentes mais centrais e com mais capitais do campo cultural e político como Séchu Sende.

No capítulo três deste trabalho foquei a análise nessas redes e agentes menos visíveis e menos reconhecidos pela centralidade do subsistema, com *habitus* característicos que estruturei a partir das lógicas dos *microcampos* *ativistas* e o *antagonismo político*, à margem das *regras da arte* do campo cultural. Caracterizei fundamentalmente os casos da Semente como *contra-espço* para a criação dumha nova escola antagonista da regueifa, e a *regueifa feminista*, que englobaria tanto umha série de instituições como a Assembleia de Mulheres Repentistas e de agentes como Sara Marchena, quanto a configuração de práticas e estratégias centradas na criação e implementação do repertório feminista no subsistema. Também, atendo à eficácia destas novas periferias na obtenção de resultados para colocação e legitimação dos repertórios mais antagonistas.

Acho fundamental para o desenvolvimento de linhas de investigação futuras a análise e intervenção, bem for neste bem noutro campo qualquer em que se estejam a formular as tais

propostas, a prévia produção de conhecimento arredor do funcionamento do campo, dos fatores que nele intervenhem e da identificação do *espaço de possíveis* para umha posterior mediçom.

Seria necessária neste sentido umha análise exaustiva em relaçom à descriçom macro do subsistema da regueifa, relativamente explorado no seçom 2 (*Subsistema da regueifa na Galiza*) deste trabalho. Se bem as dimensons da investigaçom e a minha vontade de dar espaço à análise *micro* de práticas e grupos concretos impossibilitárom umha descriçom mais alargada de instituiçons, agentes e modelos socioculturais, seria pertinente recolher e descrever todos os processos que fôrom tendo lugar desde a criaçom de plataformas com estrutura relativamente orgânica implicadas na conservaçom, a divulgaçom e a diversificaçom da regueifa em qualquer dos campos de atuaçom. Assim, um estudo concreto de eventos, certames de regueifa na Galiza, participaçom de regueifeiros e regueifeiras em certames e campionatos internacionais de improvisaçom oral, apariçons públicas de repentistas (em quais atos? organizados por quem?), recolhida da quantidade de obradoiros lecionados e mediçom das eficácias estratégicas em relaçom aos objetivos marcados (por quais agentes fôrom impartidos, quem os demandou, quem e como os planifica, etc.).

Por outra parte, acho que também seria de interesse um estudo arredor de duas questons apenas nomeadas no trabalho. Por um lado, dos *públicos* e a *receçom* da regueifa (de certames, obradoiros, etc.), assim como das distâncias, se as houver, com os públicos leitores de poesia e/ou com os públicos politicamente ativos, etc. Por outro lado, um estudo que repense o conceito de *autoria* em práticas efémeras e nom planificadas como a *performance* da regueifa, que intuo poderia dar lugar à construçom dumha cultura poética mais participativa, mais horizontal e de criaçom de agencialidades coletivas.

A respeito das diferentes propostas concretas da *regueifa antagonista*, surgem algumas questões particulares que acho devem centrar o interesse de exploração dos agentes implicados na mesma. Por um lado, questionar-se sobre quais repertórios interessa colocar no centro do subsistema, em quais interessa investir maiores esforços tendo em conta o *espaço de possíveis* e as carências atuais nos campos cultural e político galegos. Por outro, analisar se há capacidade dentro do subsistema da regueifa na Galiza para a implementação de agendas próprias dos movimentos sociais, ou dito doutra forma, se podemos pensar a regueifa antagonista como ferramenta para introduzir os conflitos e reivindicações dos próprios movimentos sociais contestatários: conflitos linguísticos, de género, territoriais...

Por último, insistir numa análise da *disponibilidade* repertorial que oferta a improvisação oral em verso na Galiza, da possibilidade de acesso coletivo a uma tradição cultural própria até hoje folclorizada e neutralizada em termos políticos para reconfigurar e *reinscrevê-la* em programas de ação antagonistas, num processo de construção nacional e resistência cultural que será, necessariamente, conflituoso.

## Bibliografía

- Blanco Pérez, D.
  - (1992). *A poesía popular en Galicia. 1745-1885. Recopilación, estudio e edición crítica. Volume I.* Vigo, Xerais.
  - (1994). *Historia da literatura popular galega.* Compostela, USC.
  - (2009). *A regueifa en Cabana de Bergantiños.* Cabana de Bergantiños, Concello de Cabana de Bergantiños.
- Beramendi, J. (2007). *De provincia a nación. Historia do galeguismo político.* Vigo, Xerais.
- Bourdieu, P.
  - (2004). *O campo literario.* Compostela, Laiovento.
  - (2006). *Las reglas del arte. Génesis y estructura del campo literario.* Barcelona, Anagrama.
  - (2015). *La distinción. Criterio y bases sociales del gusto.* Madrid, Taurus.
- Casas, A. (2012). "A oralidade nos estudos literarios. Para unha cartografía teórico-crítica" in Chouciño, A. e Nogueira, M<sup>a</sup> X. (eds.), *Palabra Viva: Galicia e Hispanoamérica.* Compostela, USC, pp. 31-70.
- Claramonte, J. (2009). "Teoría de sistemas y Estética Modal". Blogue Estética y Teoría del Arte, <https://bit.ly/2JKt8Z1> [Data de consulta: 28-06-2019]
- Even-Zohar, I.
  - (1990). *Polisystem theory. Poetics Today. 11, 1,* pp. 1-96.
  - (2005) *Papers in Culture Research.* Tel Aviv: The Porter Chair of Semiotics, Tel Aviv University.
  - (2015). *A literatura como bens e como ferramentas. Revista Colineares 1 (2).*

pp. 264-275. [Paz, Daiane Padula, et al. trans.] Disponível em:  
<https://bit.ly/2Sjmlcv> [Data de consulta: 28-03-2019]

- Figueroa, A. (2001). *Nación, literatura, identidade*. Vigo, Xerais.
- Foley, J. (1998). *The Theory of Oral Composition: History and Methodology*. Bloomington, Indiana University Press 1988.
- Garzia, J. (ed.); Sarasua, J.; Egaña, A. (2001). *El arte del bertsolarismo. Realidad y claves de la improvisación oral vasca*. Euskal Herria, Bertsolari Liburuak.
- González-Millán, X.
  - (1991). *Silencio, parodia e subversión: cinco ensaios sobre narrativa galega contemporánea*. Vigo, Xerais.
  - (1994). *Literatura e sociedade en Galicia (1975-1990)*. Vigo, Xerais.
  - (1995). “Do nacionalismo literario á literatura nacional. Hipóteses de traballo para un estudio institucional da literatura galega”. *Anuario de Estudios Literarios Galegos 1994*, 67-81. Versom web em:  
[http://bvg.udc.es/indice\\_paxinas.jsp?id\\_obra=Donaliau1&id\\_edicion=Donaliau1001&cabecera=%3Ca+href%3D%22ficha\\_obra.jsp%3Fid%3DDonaliau1%26alias%3DXo%25E1n%2BGonz%25E1lez-Mill%25E1n%22+class%3D%22nombreObraPaxina%22%3EDo+nacionalismo+literario+a+unha+literatura+nacional%3C%2Fa%3E&alias=Xo%25E1n+Gonz%25E1lez-Mill%25E1n&formato=texto](http://bvg.udc.es/indice_paxinas.jsp?id_obra=Donaliau1&id_edicion=Donaliau1001&cabecera=%3Ca+href%3D%22ficha_obra.jsp%3Fid%3DDonaliau1%26alias%3DXo%25E1n%2BGonz%25E1lez-Mill%25E1n%22+class%3D%22nombreObraPaxina%22%3EDo+nacionalismo+literario+a+unha+literatura+nacional%3C%2Fa%3E&alias=Xo%25E1n+Gonz%25E1lez-Mill%25E1n&formato=texto) [Consultado em: 02-07-19]
  - (2000). *Resistencia cultural e diferenca histórica. A experiencia da subalternidade*. Compostela, Sotelo Blanco.
- Gräbner, C. (2008). “Performance Poetry: New Languages and New Literary Circuits?”. *World Literature Today*: 82/ 1. <https://bit.ly/2JJ1USI> [Consultado em: 02-07-19]

- Gräbner, C. e A. Casas (2008). *Performing poetry. Body, place and rhythm in the poetry performance*. Amsterdam, Rodopi.
- Lisón Tolosana, C. (2004). *Antropología cultural de Galicia*. Madrid, Ediciones Akal S.A.
- Lourido, I.
  - (2014). *Livros que nom lê ninguém. Poesia, movimentos sociais e antagonismo político na Galiza*. Compostela, Através Editora.
  - (2015). “Marginalidad social y antagonismo político en la poesía de Patricia Heras”, in Cid, A.; Lourido, I. (eds.), *La poesía actual en el espacio público*. Bruselas, Éditions Orbis Tertius, p. 219-236.
- Méndez Rubio, A. (2004). *Poesía sin mundo*. Mérida, Editora Regional de Extremadura.
- Minarelli, E. (1987). “Manifiesto de la polipoesía”, in *Catálogo Tramesa d’Art*. Valencia, Ajuntament de Valencia.
- Moscovici, S. (1996). *Psicología de las minorías activas*, Madrid, Ediciones Morata S.L.
- Naia, X.
  - (2017). “Rimas como punhos”. *Novas da Galiza*, novembro. Em linha: <https://bit.ly/2JJiIsE> [Consultado em: 12/07/2019]
  - (2018a). *Regueifa: A transformación cantada. Proposta didáctica para 2º da ESO*. Trabalho Fim de Mestrado, Universidade da Corunha.
  - (2018b) “Poesia para o político. Possibilidades e funçons da regueifa”. *Novas da Galiza*, julho. Em linha: <https://bit.ly/2Y8V2Y2> [Consultado em: 12/07/2019]
- Ong, W. (1987). *Oralidad y escritura. Tecnologías de la palabra*. Trad. Scherp, A. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.
- Pinheiro, R. (2017). *Repente Galego*. Prólogo, Joxerra Garzia ; estudo musical e

transcricións, Sergio de la Ossa. Pontevedra, Deputación de Pontevedra.

- Porto, M.; Estévez, K. (2017). *Metodoloxía didáctica do repente galego*. Ponte Vedra, Deputaçom da Corunha.

- Prego, G. (2012). *Identidades en las regueifas gallegas: La construcción de la etnicidad en el espacio global*. A Corunha, Universidade da Corunha.

- Rodríguez, A. M. (2017). *Regueifa en Bergantiños. Celestrino de Leduzo vs. Calviño de Tallo*. aCentral Folque, Compostela.

- Said, E. (2004). *Cultura e Imperialismo*. Anagrama, Barcelona.

- Sende, S. (2017, junho). “Bomba!”. *Novas da Galiza*, junho. Em linha:

<https://bit.ly/2XZscoC> [Consultado em: 12/07/2019]

- Thompson, E. (1966). *The Making of the English Working Class*. Vintage Books, New York. Em linha: <https://bit.ly/2D3r9h6> [Consultado em: 12/07/2019]

- Torres F., E. (2004) “Contributos sobre o objecto de estudio e metodoloxía sistemicasistemas literários e literaturas nacionais” in Abuín, A. e Tarrío, A. (coord.), *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas na península Ibérica*. Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 423-444.

- Tötösy de Zepetnek, S. (1992) “Systemic Approaches to Literature: An Introduction with Selected Bibliographies”, *Canadian Review of Comparative Literature / Revue Canadienne de Littérature Comparée* 1-2, vol. XIX, 21-93.

- Trapero, M. (1996). *El libro de la décima. La poesía improvisada en el mundo hispánico*. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Las Palmas de Gran Canaria.

- Woolard, K. (2008). “Language and identity choice in Catalonia. The interplay of contrasting ideologies of linguistic authority”. in K. Suselbeck, U. Muhlschlegel e P. Masson

(eds.), *Lengua, nación e identidad: La regulación del plurilingüismo en España y América Latina*. Frankfurt del Main, Vervuert. Madrid, Iberoamericana, p. 303-323.

- Zumthor, P. (1990), *Introducción a la poesía oral*. Trad. García-Lomas, M<sup>a</sup> C. Madrid, Taurus.

## **Anexos**

### **Anexo 1**

Manifesto redigido conjuntamente pola *Assembleia de Mulheres Repentistas* no 1º Encontro celebrado em janeiro de 2017 em Vila de Cruzes (a ortografía original foi respetada):

Nosoutras temos ben claro  
que a regueifa é bonita  
mais sempre que polo medio  
non haxa xente ofendida.

É para pasalo ben  
desfrutar da compañía,  
o que non toleraremos  
é o odio dos machistas!

As palabras son as armas  
pra que haxa outro futuro  
e as mulleres que improvisan  
úsanas pra deitar muros

Que regueifen os humanos?  
pois a nos danos a gana  
de que regueifen tamén  
as regueifeiras humanas.

Das mulleres regueifeiras  
por fin chegou o momento  
e imos precisar espazo  
pra o noso empoderamento.

Pasamos ao primeiro plano,  
imosvos falar dereito:  
da nosa improvisación  
agora somos suxeito.

Diriximos nós os ollos  
para nos ver a nós mesmas:  
catro puntos cardinais;  
catro versos de regueifa.

Gosto da vosa compañía  
na assemblea de mulleres  
se facedes un grupazo  
triunfaredes por poderes

Pois con isto que contei  
vou facendo un resumo

retranca e máis contidos  
nos lugares de consumo.

Propomos unha quedada  
para resumir O Encontro  
quedamos na Reconquista  
e contamos alí o conto.

Loitando coa nosa voz  
queremos nós ter presenza  
nesta nosa sociedade  
e no mundo da regueifa.

Cantaremos todas xuntas,  
cantando todas a unha:  
Reivindiquemos mulleres,  
que nos escoiten na lúa!

A regueifa é feminista  
iso non o hai que dudar  
regueifeiras somos xuntas  
e separadas igual.

Os homes tenhen que aprender  
e algunhas mulleres igual  
que para regueifar  
non fai falta insultar.

Todas nós somos futuro  
Quédanos por aprender  
que xuntas todas podemos  
e o querer faise poder.

Somos unha e mil voces  
facémonos respetar  
Nosa voz soa moi forte  
Todos nos han de escoitar.

A assemblea de mulleres  
desta gran Vila de Cruces  
vai dar moito que falar  
pois aquí lles sobran luces.

Unha verdadeira festa  
será esta revolución  
da poética inclusiva  
popular a dar o gong.

Todas somos regueifeiras  
ti e vós e nós tamén  
xa non nos nomean corpos  
e menos el e máis el.

Temos que xuntarnos todas  
nunha grande asamblea  
e que saiba toda a xente  
que tamén hai regueifeiras

e ademais compañeiras  
nós nos temos que xuntar  
para non ser teloneiras  
e na regueifa mandar.

A regueifa feminista  
é unha necesidade  
para rematar co machismo  
que temos na sociedade

e como artistas somos  
e sobre todo ben listas  
non queres ouvir máis  
regueifas que son machistas.

A regueifa agora mesmo  
de machista é o que máis  
temos que empoderarnos  
Todas somos samurais<sup>47</sup>!

---

<sup>47</sup> O último verso foi modificado posteriormente, com relativo consenso entre a Assembleia de Mulheres e alguns dos regueifeiros participantes da Nova Regueifa. Na versom original em que foi escrito, só conservada em papel e ao que tivemos acesso sem possibilidade de ser escaneado, o verso era “fôra os sete samurais”, em relação aos regueifeiros ainda em ativo no momento de tirar o manifesto, entre os quais havia um conflito latente.

Anexo 2<sup>48</sup>



---

<sup>48</sup> Fichas do material do *Obradoiro de Regueifa Feminista* com as palabras finais do último verso para construír as coplas.

PENE

CONA

AMIGA

FEMINISMO

SOÑOS

COCIÑA

PERREO

EMPODERAR

Anexo 3<sup>49</sup>

ESTOU EU CON MOITA MOZA  
PODE QUE NON ME COÑEZAN  
MIRA XUNTAS XA REÚNEN  
UN BO EQUIPO DE LIMPEZA

E AS REGUEITEIRAS DE AGORA  
SONCHE TODAS BEN LESBIANAS  
VAN CANTANDO POR AÍ  
NON TOCAN NINGUNHA GAITA

NUNCA PECHADES A BOCA  
E NON VOS CALADES NUNCA  
IR TOCAR A PANDEIRETA  
QUE XA TOCO EU AS CUNCHAS

ISTO NON SE CHE DA' BEN  
E NON O PODES NEGAR  
MÁIS QUE ESTAR IMPROVISANDO  
TIÑAS QUE IRTE A FREGAR

---

<sup>49</sup> Fichas do material do *Obradoiro de Regueifa Feminista* con as *coplas machistas*, criadas polas mulleres que ministran o obradoiro para construír unha copla de resposta feminista.

XA CHEGOU A FEMINISTA  
E QUE ISTO A MIN ME COME.  
NENA, SÓ PENSAS ASSÍ  
POR NON CONSEGUIR UN HOME

POIS A COUSA ESTÁ QUE ARDE  
E QUE SE QUEIXE QUEN QUEIRA  
PERO NON VOS PREOCUPEDES  
TÈPO UNHA BOA MANGUEIRA

E AS REGUEIFEIRAS DE AGORA  
QUEIXADES VOS DO MACHISMO  
NIN O HOME NIN MULLER  
FAI FALTA MAIS IGUALISMO

E AGORA AS REGUEIFEIRAS  
TÈDELO TODO MÁIS FÁCIL  
CHÁMAN VOS PRA TODOS LADOS  
PORQUE SODES FEMINATIS

E SE A MIN MEDA A GANA  
E VOUTE CHAMAR 'MAMI'  
PORQUE A MIN TANTO METEN  
QUE SEXADES FEMINATIS

MARUXIÑA DATE VENTO  
MARUXIÑA DATE VENTO  
QUE OS SEÑORITOS DA VILA  
COS OLOS TE ESTÁN COMENDO

E A TÚA OPINIÓN  
EU CREO QUE ESTÁ DE MÁIS  
SE QUERO CASAR CONTIGO  
SÓ VAI OPINARTEU PAI

DEBAIXO DA MIÑA ALMOFADA,  
TEÑO UN PUÑAL DE PRATA,  
PARA MATAR A TUA NAI  
SE COMIGO TI NON CASAS.

ESTA CO DO FEMINISMO  
SEMPRE ANDA A MAREAR  
PERO LOGO BEN QUE ANDAS  
POR AHÍ A PERREAR

ANDAN A ENSINAR AS TETAS  
AQUÍ ESTAS FEMINISTAS  
POIS QUE DIGAN O QUE QUEIRAN  
PERO QUE ALEGREN A VISTA

E A MIN NON ME DIGADES  
QUE VOS NON TEDES A CULPA  
CANDO TODAS AS MULLERES  
SODES UNHAS CACHO PUTAS.

E PREGÜNTOCHE UNHA COUSA  
PERO MOEA NON ME RIÑAS:  
PERO TI QUE FAS AQUÍ  
QUE NON ESTÁS NA COCIÑA?